

**Este guia é uma
visão colecionável
sobre Lisboa.
Abra, leia.
Fique por dentro.**

**open
house
lisboa**

**O Open House
Lisboa 2018
acontece no fim-
-de-semana
de 22 e 23 de
Setembro de 2018**

Comissariado

Luís Santiago Baptista

Maria Rita Pais

Uma visão coleccionável sobre Lisboa

O nosso guia está diferente. Em cada nova edição do Open House Lisboa, oferecemos uma nova maneira de olhar para Lisboa — estas visões merecem ser guardadas. Vamos coleccionar maneiras distintas de ver a cidade. Os horários e outras informações estão no site e no mapa que disponibilizamos no fim-de-semana mais especial do ano — 22 e 23 de Setembro de 2018, a 7ª edição! — mas agora temos um guia com maior antecedência para lermos, escolhermos onde queremos ir, e ficarmos por dentro.

O Open House Lisboa é seu, todos os anos, para guardar e pensar. Em 2018, o comissariado é composto pelo arquitecto, crítico e professor Luís Santiago Baptista, e pela arquitecta, professora e investigadora Maria Rita Pais. Pelo comissariado foram definidas 9 zonas de Lisboa, a partir de um arco temporal, espacial e elíptico que começa na zona histórica, e que tenta fazer um raio x zona a zona trazendo a reflexão para a contemporaneidade.

Queremos pensar a cidade de hoje carregando connosco o conhecimento da história e os desenvolvimentos urbanísticos trazidos com a modernidade. Cada zona (9 no total) é acompanhada por um texto crítico e por um Percurso Urbano, feito por um especialista.

O cunho do comissariado é deixado pelo agrupar das áreas lisboetas, pelos percursos urbanos e claro, pela escolha dos espaços (85, 38 dos quais novos), que vão desde casas no Restelo até à habitação colectiva Pantera Cor-de-Rosa em Chelas, da Garagem do Conde Barão até à Torre do Tombo, passando pelo Atelier Cecílio de Sousa. Depois cabe a quem visita estabelecer as suas relações, pensar na sua experiência e nas modificações da sua cidade.

Mas porque a diversidade não é apenas sentida na escolha dos espaços do roteiro, e porque o OH Lisboa é para toda a gente, temos também como de costume visitas de acessibilidade, actividades júnior, e programa Plus.

Um conceito originalmente criado em Londres em 1992 por Victoria Thornton, o Open House Lisboa faz parte da grande família Open House Worldwide. Desde 2012, que a Trienal de Lisboa organiza o OH Lisboa, e desde 2015, que o faz em parceria com a EGEAC.

Fique por dentro.

Habitar Lisboa em Transformação

A modernidade implicou fortes transformações na organização da cidade de Lisboa, ampliando os seus territórios a uma escala metropolitana e implicando a transformação progressiva dos seus tecidos históricos consolidados. É sobre esta estrutura urbana moderna que a cidade se tem desenvolvido, colocando hoje novos dilemas e desafios. Quando Lisboa aparece recorrentemente nos *rankings* das cidades mais atractivas e cosmopolitas, evidenciando os fenómenos urbanos, sociais e culturais inerentes ao nosso mundo globalizado, assistimos a uma transformação acentuada e acelerada não apenas da sua estrutura física mas igualmente dos seus usos e vivências. Porém, estes processos de mudança não acontecem na cidade de forma contínua e constante, mas vinculadas à natureza específica das suas diversas áreas urbanas e com diferentes intensidades e velocidades. Importará pois perceber as múltiplas energias e estímulos de cada uma dessas zonas, com os seus diferentes problemas, necessidades e possibilidades,

nunca perdendo uma ideia de interdependência e coerência geral da cidade.

A edição de 2018 do Open House concentra-se na afirmação da Lisboa metropolitana, aquela em que hoje habitamos, com as suas múltiplas propostas modernas e contemporâneas.

As obras arquitectónicas exemplares apresentadas no roteiro são assim compreendidas no seu enquadramento urbano, tendo em conta os diferentes modos de habitar a cidade, bem como as dinâmicas presentes na produção urbana actual. É neste âmbito que se pretende mostrar o papel que os arquitectos desempenharam e continuam a desempenhar nesse processo de transformação e qualificação de Lisboa. Em suma, o Open House 2018 é uma oportunidade não só de celebrar a cidade que temos, mas igualmente de reflectir sobre que cidade queremos no futuro.

Luís Santiago Baptista
Maria Rita Pais

Baixa

/Chiado

/Castelo

- 14 Percurso Urbano
- 15 Casa dos Bicos — Fundação José Saramago
- 16 Cinema Ideal
- 17 Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha
- 18 Museu do Aljube — Resistência e Liberdade
- 19 Museu do Dinheiro
- 20 Santa Clara 1728
- 21 Terminal de Cruzeiros de Lisboa
- 22 Terminal Fluvial do Terreiro do Paço

Santos

/Príncipe Real

/Campo de Ourique

- 26 Percurso Urbano
- 27 Amoreiras Shopping e Miradouro 360°
- 28 Atelier Cecílio de Sousa
- 29 Atelier-Museu Júlio Pomar
- 30 Bloco das Águas Livres
- 31 Casa em Santa Isabel
- 32 Cineteatro Capitólio — Teatro Raul Solnado
- 33 Garagem do Conde Barão
- 34 Imprensa Nacional
- 35 Ordem dos Arquitectos
- 36 Palacete Barão de Santos
- 37 Rua das Gaivotas 6 — Teatro Praga
- 38 Time Out Market

Avenidas Novas

- 42 Percurso Urbano
- 43 Casa da Moeda
- 44 Casa no Arco do Cego
- 45 Edifício Castil
- 46 Escola Secundária D. Filipa de Lencastre
- 47 Estufa Fria
- 48 Fundação Calouste Gulbenkian
- 49 Hotel Ritz
- 50 Igreja do Sagrado Coração de Jesus
- 51 Palácio da Justiça

Mouraria /Intendente /Areeiro

- 56 Percurso Urbano
- 57 Casa da Severa
- 58 Centro de Inovação da Mouraria
- 59 Edifício Manifesto
- 60 Instituto Superior Técnico
- 61 Largo Residências

Beato /Marvila

- 66 Percurso Urbano
- 67 Biblioteca Municipal de Marvila
- 68 Empreendimento Prata
- 69 Fábrica Musa
- 70 Hub Criativo do Beato – Oficinas de Manutenção Militar
- 71 Loft Braço de Prata

- 72 Regularização dos Bairros Prodac
- 73 Ulisseia
- 74 Underdogs Gallery
- 75 Vertigo

Belém /Restelo

- 80 Percurso Urbano
- 81 Apartamento Arriaga
- 82 Casa no Restelo
- 83 Casa Prazeres e Atelier JAA
- 84 Centro Cultural de Belém
- 85 Direção de Serviços de Documentação e Arquivo
- 86 Embaixada da Noruega
- 87 Escola Francisco de Arruda
- 88 Fundação Champalimaud
- 89 LU.CA — Teatro Luís de Camões
- 90 MAAT — Central Tejo
- 91 MAAT — Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia
- 92 Museu de Marinha
- 93 Museu Nacional dos Coches
- 94 Pavilhão de Exposições do Instituto Superior de Agronomia
- 95 Pestana Palace
- 96 Planetário Calouste Gulbenkian

Alvalade /Cidade Universitária

- 100 Percurso Urbano
- 101 Biblioteca Nacional de Portugal
- 102 Caleidoscópio

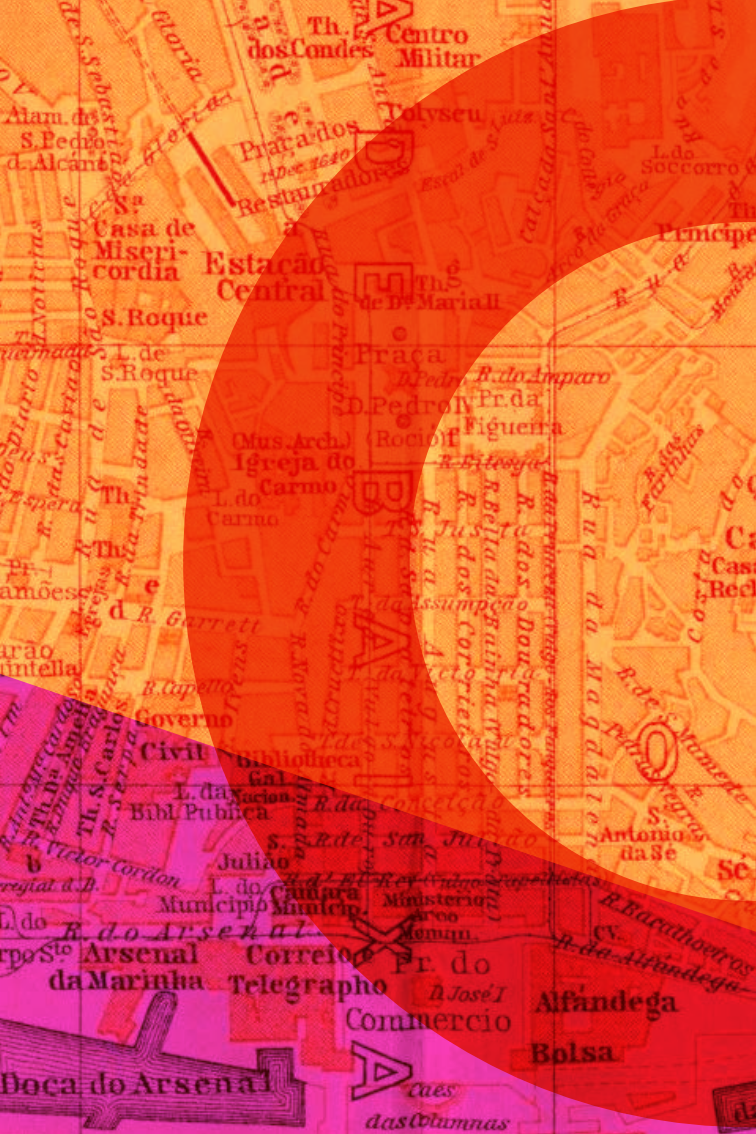
- 103 Cantina da Cidade Universitária
- 104 Casa no Bairro das Estacas
- 105 Complexo dos Coruchéus – Galeria Quadrum
- 106 Do Fundo dos Mares ao Céu da Boca
- 107 Escola Secundária Padre António Vieira
- 108 Faculdade de Psicologia e Instituto de Educação
- 109 Hospital Júlio de Matos
- 110 LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil
- 111 Reitoria da Universidade de Lisboa
- 112 SAAL – Bairro das FONSECAS e Calçada
- 113 Teatro Thalia
- 114 Torre do Tombo

Olivais/Chelas

- 118 Percurso Urbano
- 119 Atelier Fernanda Fragateiro
- 120 Blocos Habitacionais – Célula C
- 121 Conjunto Habitacional Cinco Dedos
- 122 Conjunto Habitacional Pantera Cor-de-Rosa
- 123 Escola Secundária D. Dinis
- 124 Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição
- 125 Torre nos Olivais Norte

Parque das Nações

- 130 Percurso Urbano
- 131 Complexo Oriente
- 132 Gare do Oriente
- 133 Pavilhão de Portugal
- 134 Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva
- 135 Sede da Vodafone



Th. dos Condes
Centro Militar

Praca dos Restauradores
13 Dec 1640
Th. de D. Maria II

Estação Central
Th. de D. Maria II

Casa de Misericórdia

S. Roque
L. de S. Roque

Mus. Arch.
Igreja do Carmo
L. do Carmo

Praca D. Pedro
R. do Amparo
Pr. da Figueira

R. Garrett
B. Capello
Civil

Biblioteca
L. da Nacion
Bibl. Publica

Juliao
L. do Municipio

Arsenal da Marinha

Correio
Telegrapho

Pr. do Comercio

Alfandega

Bolsa

Doca do Arsenal

Caes das Colannas

A historical map of the Chiado neighborhood in Lisbon, Portugal, rendered in a golden-brown color palette. The map shows a dense street network with various buildings and landmarks labeled in Portuguese. A large, semi-transparent orange circle is overlaid on the center of the map. The text 'Baixa / Chiado / Castelo' is prominently displayed in white, serif font across the circle. The background map includes labels for streets like 'Rua do Monte', 'Rua da Glória', and 'Rua de S. António', and buildings such as 'Quartel', 'Casa da Correção', and 'Tribunal Militar'.

Baixa / Chiado / Castelo

Doca
Terreiro Trigo

Dor
Alfandega

O centro histórico pode delimitar-se pela linha da muralha Fernandina do século XIV. Além dos vestígios arqueológicos neolíticos e romanos, a estrutura urbana hoje existente mantém tecidos muçulmanos e medievais da zona do Castelo e Alfama, bem como alguns dos seus principais edifícios públicos e religiosos. Mas a nova centralidade do centro histórico derivaria da devastação do terramoto de 1755, originando o determinante plano da Baixa Pombalina, estruturado pela Praça do Comércio e Rossio, com o seu desenho racional de ruas amplas e regulares, e quarteirões alongados. A arquitectura pombalina marca a imagem da cidade até ao século XIX, representando um avanço significativo ao nível tipológico e dos sistemas estruturais e construtivos. Com a modernidade densificam-se os quarteirões habitacionais e implantam-se novas tipologias no tecido urbano existente.

Nas últimas décadas do século XX, com a expansão da cidade e desenvolvimento de novas centralidades, a Baixa entra em decadência e desertificação progressiva. O incêndio do Chiado de 1988 inicia um processo de reanimação de toda esta área, com a atracção de novos habitantes e a reabilitação do edificado, que é agora exponenciada pelo boom turístico do país, pós-crise financeira. A profunda transformação física e social dos últimos anos tem levado a uma rápida alteração da natureza dos habitantes do centro histórico, com a prevalência da habitação temporária de âmbito turístico, e à emergência das programas habitacionais e comerciais que lhes dão apoio, perante as tentativas de manutenção das presenças históricas e das actividades tradicionais. Recentemente, a autarquia tem apostado na qualificação dos principais espaços públicos em toda a faixa ribeirinha e na construção pontual de novos equipamentos culturais e infra-estruturais de forte impacto urbano.

Percurso Urbano

Este percurso pensa os projectos contemporâneos que se inseriram no contexto histórico em tempos recentes, e a sua dimensão patrimonial que urge ser pensada. Estas novas intervenções — no espaço público —, tentam adaptar a cidade a novos usos convivendo com a densidade das presenças patrimoniais vizinhas. Algumas obras arquitectónicas exemplares serão destacadas, sejam de natureza cultural ou de natureza infra-estrutural, porque procuram conferir uma nova centralidade.

O arquitecto Ricardo Carvalho pensa a visita por meio de dois sistemas: um quente — o ser humano que utiliza e se movimenta, e um frio — a forma da cidade, e a arquitectura composta de edifícios e espaço público.



Casa dos Bicos — Fundação José Saramago

Francisco de Arruda, 1525

/Manuel Vicente e José Daniel Santa-Rita, 1981

/João Santa-Rita, 2011

Rua dos Bacalhoeiros, 10

Na zona ribeirinha, próxima do recentemente reabilitado Campo das Cebolas, mas completamente integrada entre o antigo e irregular assentamento de Alfama e o regular plano da Baixa Pombalina, a Casa dos Bicos foi mandada construir por Brás de Albuquerque, filho do primeiro Vice-Rei da Índia, entre 1521 e 1523. Este edifício é conhecido pela fachada singular revestida por uma malha de “pontas de diamante”, designadas de forma comum por “bicos”, inspirada em modelos renascentistas italianos. O terramoto de 1755 deixou a casa bastante degradada. Mais tarde, depois de uma reconstrução parcial, começou a albergar um comerciante de bacalhau, ligação que perdurou até ao século XX. Em 1983, por ocasião da XVII Exposição Europeia de Artes, Ciência e Cultura, o projecto de Manuel Vicente e Daniel Santa-Rita recupera a volumetria global e propõe, a partir de documentação histórica, um ensaio sobre a memória daquilo que havia desaparecido. Sujeita a obras de recuperação entre 2008 e 2012, alberga hoje a sede da Fundação José Saramago e o núcleo arqueológico da Casa dos Bicos.



Cinema Ideal

José Neves, 2014 (reab.)

Rua do Loreto, 15–17

Inaugurado em 1904, na altura conhecido como Salão Ideal foi promovido pelo fotógrafo João Freire Correia e pelo seu sócio Nuno de Almada que, para o efeito, foram a Paris para adquirir o material necessário para a projecção e assim abrir a primeira sala de cinema em Portugal. Situa-se estrategicamente no centro nevrálgico do comércio e da cultura lisboeta dos séculos XIX e XX, na Rua do Loreto, junto ao Largo de Camões, entre o Chiado, o Bairro Alto e Santa Catarina. E só em 1949, já como Cinema Ideal, veio a transformar do “barracão” do início do século numa sala de cinema como muitas outras salas europeias que o arquitecto João Simões estudou para o efeito. Encerrado em 1976, reabre em 1978 com novas obras de remodelação, como Cine Camões e novamente no início dos anos 90 como Cine Paraíso. Finalmente, reabre em 2014 com gerência de Fernando Vidal como Cinema Ideal, um novo espaço de cinema e animação cultural e urbana. Com projecto de José Neves, o Cinema Ideal recebe o prémio AICA, pela adequação do projecto de reabilitação e também pelo programa alternativo que propõe para um centro histórico e um ambiente cultural, cada vez mais globalizado.



Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha

Francisco António Ferreira e Honorato José Correia, 1770
/Menos é Mais, 2016

Rua da Alfândega, 108

Situada na rua da Alfândega e alinhada com a matriz do desenho da Baixa Pombalina, a igreja actual resulta da reconstrução após o terramoto de 1755 da antiga Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia de Lisboa, sede da primeira Misericórdia do país. O edifício combina elementos de diferentes igrejas, bem como os resgates da antiga igreja que existia no local, como é o caso da fachada, que é, junto com o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, uma das melhores estruturas do manuelino sobreviventes ao grande terramoto. O interior pombalino possui apenas uma nave, a capela do Santíssimo Sacramento da antiga Igreja da Misericórdia. Em 2014, o atelier Menos é Mais leva a cabo a sua recuperação a pedido da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, com uma intervenção discreta e um trabalho de restauro, que valoriza fortemente a leitura da igreja original e seus elementos constituintes. Está classificada como Monumento Nacional desde 1910.



Museu do Aljube — Resistência e Liberdade

Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, 2015 (reab.)

Rua de Augusto Rosa, 42

Está instalado num antigo paço episcopal, de características clássicas, que passou a prisão a partir do séc. XVII. Recebeu presos do foro eclesiástico até 1820, mulheres acusadas de delitos comuns até aos finais da década de 1920, e presos políticos do Estado Novo a partir de 1928 até ao seu encerramento em 1965. Inserido na colina do Castelo, junto à Sé de Lisboa, no limite da malha pombalina, o Museu do Aljube Resistência e Liberdade conta a história da Ditadura que antecedeu a Revolução de 25 de Abril de 1974. Homenageia a luta dos combatentes pela Liberdade e evidencia os mecanismos repressivos e de enquadramento utilizados pelo regime ditatorial. A obra de recuperação e adaptação do edifício de 2015 restabelece as várias camadas do seu uso, desde o período romano, introduzindo ainda uma leitura e vivências contemporâneas.



Museu do Dinheiro

Reinaldo Manuel dos Santos e Honorato José Correia, 1810
/Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, 2012

Largo de S. Julião

Este museu ocupa a antiga Igreja de S. Julião, que remata um quarteirão da baixa pombalina, ao lado dos Paços do Concelho. A sua forma eclesiástica sobressai quer no exterior urbano, quer no interior de salão verticalizado. Igreja insolitamente transformada em museu do dinheiro, o espaço reflecte uma riqueza espacial, material e agora também programática, resultado da abertura a um projecto cultural. Todo este conjunto pertence desde os anos 1930 ao Banco de Portugal, tendo a igreja sido dessacralizada e convertida em instalações de serviços. Após as obras de reabilitação e restauro de 2016 de todo o conjunto, a igreja passou a funcionar como espaço cultural aberto à comunidade. O novo museu, que mostra o seu acervo através de núcleos que utilizam tecnologia interactiva, dinamiza exposições temporárias, e disponibiliza o já conhecido Núcleo de Interpretação da Muralha de D. Dinis.



Santa Clara 1728

Manuel Aires Mateus, 2016 (reab.)

Campo de Santa Clara, 128

Este é um exemplo de arquitectura com funções turísticas em Lisboa. O projecto de Aires Mateus recupera um antigo edifício defronte do Mercado de Santa Clara, do Panteão, do Rio Tejo, e às terças e sábados, da Feira da Ladra. Este palacete do século XVIII foi convertido numa sumptuosa casa de hóspedes, com apenas seis quartos, uma grande sala de jantar e um jardim resguardado. Recriando o ideal da antiga Casa Senhorial Lisboaeta, o projecto baseia-se no pré-existente, utilizando materiais locais e autênticos — a pedra calcária de lioz, o azulejo tradicional e a madeira. Antes de ser um hotel, este espaço era uma casa.



Terminal de Cruzeiros de Lisboa

Carrilho da Graça Arquitectos, 2017

Avenida Infante D. Henrique

Na base da colina de Alfama, junto ao rio Tejo e enquadrado pelos muros da antiga doca, que ainda hoje se mantêm, encontra-se o novo Terminal de Cruzeiros de Lisboa. Ao edifício reconhece-se a escala náutica, a que Lisboa desde há séculos se habituou. Passados 75 anos da inauguração da Doca de Alcântara, o novo terminal vem actualizar os serviços de apoio aos grandes navios de passageiros e trazê-los ao centro nevrálgico do turismo da cidade. Foi motivo de reorganização de toda a zona ribeirinha entre a Praça do Comércio e Santa Apolónia, como forma de desenhar a entrada de Lisboa por mar. A proposta apresenta um edifício concebido como um volume simples e levantado do chão, respondendo ao desejo de libertar a área envolvente para o público em geral e de elevar consigo o novo espaço público, transformado num terraço/miradouro, como uma jangada de transbordo entre a água e a terra. Este novo palco ou praça da cidade reconhece um dos seus maiores potenciais, o horizonte.



Terminal Fluvial do Terreiro do Paço

Cottinelli Telmo, 1931

/Atelier Daciano da Costa e Can Ran, 2011

Avenida Infante D. Henrique,
Cais do Comércio

Chamada também de Sul e Sueste, esta estação situa-se na representativa Praça do Comércio ao lado do Cais das Colunas. Dois elegantes terminais erguem-se lado a lado. O edifício original servia os passageiros da ligação ferroviária com o Sul até 1999, ano em que os comboios passaram a atravessar a Ponte 25 de Abril. Inaugurado em 2011, o novo terminal veio aumentar a capacidade e o acesso deste interface de transporte. Distingue-se pela fachada que homenageia a estilização Art Déco do edifício vizinho e pelo projecto de azulejaria do atelier Can Ran, finalista do Prémio Europeu de Espaço Público Urbano. Hoje serve milhares de passageiros todos os dias, agregando igualmente a estação de metro do Terreiro do Paço.



Santos
/ Príncipe
Real
/ Campo
de
Ourique

Depois do terramoto de 1755, a cidade cresce numa coroa em volta do centro histórico existente, seguindo uma nova ordem inaugurada anteriormente pela malha extramuros do Bairro Alto do século XVI. Num território rural antes marcado por vias, conventos e casas nobres, a urbanização dos séculos XVIII e XIX vai desenhando a cidade, integrando-os progressivamente nas novas malhas urbanas. Uma nova vocação e dimensão da cidade reflecte-se num tecido diversificado de novos bairros habitacionais, equipados pelos novos programas das sociedades modernas, com liceus, universidades, museus e grandes jardins. A construção do Passeio Público, estendido depois com a abertura da Avenida da Liberdade, grande *boulevard* que marca uma Lisboa Romântica de inspiração francesa, introduz uma nova escala urbana característica das grandes capitais europeias da época, que ancorará a futura expansão da cidade para norte.

Área da cidade composta de variada topografia, de presenças de múltiplos tempos e de construção tanto erudita como corrente, foi adquirindo uma determinante centralidade com a ideia alargada de centro histórico. Esta zona expandida do núcleo histórico tem sido amplamente privilegiada no habitar da cidade, sendo das áreas mais animadas e bem equipadas da cidade, com uma diversidade de modos de vida e diversificada oferta cultural e comercial. A pressão urbanística dos últimos anos tem impulsionado a reabilitação do parque edificado, embora levando a alterações progressivas na estrutura social dos habitantes. O impacto recente do turismo também se tem feito sentir com maior intensidade, com a afirmação de novos programas centrados na habitação temporária e no comércio de natureza internacional.

Percurso Urbano

Estes bairros lisboetas têm géneses distintas que se reflectem na sua morfologia urbana. O bairro de Santos tem uma componente industrial muito forte que se concretiza durante o século XIX, beneficiando também da beira rio e das actividades que aí operavam. O Príncipe Real é actualmente um dos pontos mais turísticos da cidade, mas a área é mais heterogénea do que surge nos actuais guias – convivem assim casas operárias com palacetes oitocentistas, uma arquitectura mais corrente e anónima com edifícios eclécticos e burgueses. Culmina no jardim do mesmo nome que reflecte uma Lisboa de costumes burgueses e mais cosmopolitas. Já Campo de Ourique é um bairro que mantém a sua função residencial, pontuado por uma arquitectura da primeira metade do século XX e alguns edifícios controversos, pela sua expressão tradicionalista, como a Igreja do Santo Condestável de Vasco Regaleira.

Especialista
– Ana Vaz Milheiro



Amoreiras Shopping e Miradouro 360°

Tomás Taveira, 1985

/Frederico Valsassina, 2016 (miradouro)

Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, 2037

“O Amoreiras” (ou “as Amoreiras”), é o único dos antigos *shopping centers* portugueses que ainda se mantém actual e com vida. Localizado no topo de uma das colinas de Lisboa, já conquistou lugar na paisagem/perfil da cidade das sete colinas, marcando um novo período da história da cidade liberal e pós-moderna. Desenhado por Tomás Taveira, o conjunto agrega ao centro comercial, três torres de escritórios e um conjunto habitacional. As Torres das Amoreiras são um dos pontos mais altos da cidade a 174 metros de altura, com vista de 360°. Daqui avistam-se o casario ou os monumentos mais relevantes como o Castelo, a Torre de Belém, a Basílica da Estrela, a Sé de Lisboa, a Ponte 25 de Abril ou o Cristo Rei. São disponibilizados aos mais curiosos binóculos de longo alcance, para além de mapas informativos sobre os lugares que mais caracterizam a metrópole.



Atelier Cecílio de Sousa

Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus, 2017 (reab.)

Rua Cecílio de Sousa, 52

Neste edifício, espaço de atelier do arquitecto Manuel Aires Mateus, reconhecem-se características urbanas burguesas do final do século XVIII e XIX. Este projecto é um restauro, que para além do espaço de trabalho abre também portas a um espaço de exposição, reafirmando um lado de partilha com a comunidade. Uma operação que põe em evidência o existente, recupera e estabelece leituras sobre uma realidade. Consideram-se elementos permanentes, pinturas, azulejos e estruturas espaciais principais. Partindo destes, e para os valorizar, completa-se a alteração. Com uma autonomia do seu tempo os elementos novos seguem a história do edifício, integrando-se na lógica do todo que se estabelece a partir do somatório de todas as épocas de construção.



Atelier-Museu Júlio Pomar

Álvaro Siza, 2012 (reab.)

Rua do Vale, 7

Destinado inicialmente a ser o atelier de Júlio Pomar, este espaço é hoje um museu que arquiva e divulga a obra do pintor, fazendo parte dos equipamentos do Município de Lisboa (EGEAC). O antigo armazém, disposto na malha compacta e consolidada do centro histórico entre Santa Catarina e São Bento, foi em 2013 alvo de uma reabilitação realizada por Álvaro Siza. O edifício, composto por dois pisos, apresenta um corpo central de área expositiva, duas reservas, zonas de serviço, escritório, auditório e recepção, escondendo um pátio exterior em seu redor por onde é feito o acesso dos visitantes. A recuperação mantém a leitura do edifício existente nas suas componentes principais: volume, paredes estruturais e cobertura.



Bloco das Águas Livres

Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral, 1956

Praça das Águas Livres, 8

No meio da cidade consolidada encontra-se esta pequena cidade inspirada na Carta de Atenas. O conjunto apresenta simultaneamente habitações privadas, espaços sociais, ateliers, espaços de serviço comuns, e comércio. Nos anos 1950, quando foi construído, era uma espécie de unidade de habitação, mas não segregada da sua envolvente. Obra da juventude de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral, é o prédio que simboliza a vida moderna em Lisboa. O desenho das tipologias foi pensado de modo a que servisse diferentes tipos de desenvolvimentos familiares. Uma nova tipologia de apartamento com uma área de estar espaçosa, com uma varanda generosa, com uma vista privilegiada sobre a cidade e o rio, sem zona de empregada, com áreas de serviço comuns e com um valioso património artístico integrado nos espaços comuns. Destacam-se os painéis de mosaico vidrado de Almada Negreiros, o vitral de Manuel Cargaleiro, o painel de Frederico George, os baixos-relevos de Jorge Vieira e o painel de betão esgrafitado de José Escada. Em 2012, foi classificado como Monumento de Interesse Público.



Casa em Santa Isabel

Bak Gordon Arquitectos, 2010

Rua Saraiva de Carvalho, 42A

Ocupando o interior de um quarteirão que ladeia o bairro de Campo de Ourique (projecto de Frederico Ressano Garcia), a casa em Santa Isabel reconhece o problema dos imensos vazios da cidade de Lisboa que dominam as traseiras do edificado da cidade. Trata-se de uma casa, parte de um conjunto de duas de apenas um piso desenhadas de forma regular e hierarquizadas em torno de vários pátios. De forma quase obsessiva, a casa constrói-se exclusivamente em betão armado aparente, deixando os limites periféricos dos pátios mais naturalizados, recobertos pelo verde trepante (elemento natural cambiante) e destacando os volumes de massa construída que encerram os quartos, as salas e todo o programa doméstico. Existe um vídeo do artista plástico João Onofre, que representou Portugal na Bienal de Arquitectura de Veneza de 2010 integrado na exposição “No Place Like”, que mostra a aparente tarefa impossível de enfiar um veleiro de 9 metros na piscina desta casa entalada no interior de um quarteirão de esconso do bairro de Santa Isabel.



Cineteatro Capitólio — Teatro Raul Solnado

Luís Cristino da Silva, 1931
/Alberto Souza Oliveira, 2016

Travessa do Salitre, 35

Um dos teatros que fazem parte do conjunto Parque Mayer, este equipamento está implantado no espaço dos jardins e adjacentes do antigo Palácio Mayer. A ladear a Avenida da Liberdade, o Parque posiciona-se estrategicamente no eixo cultural de Lisboa para as artes de palco, onde floresceram os maiores teatros, cinemas e auditórios ao longo de vários séculos. O cineteatro foi inaugurado oficialmente a 10 de Julho de 1931, e afirmou-se como obra de transição entre um novo déco e um purismo racionalista. A sala acomodava 1391 espectadores, número que ultrapassava qualquer outra sala de cinema de Lisboa. Em 1935, a obra do 1º balcão aumenta a plateia para 1400 espectadores. Nos anos 1980, o edifício entra em decadência embora mantivesse a sua actividade com a projecção de filmes eróticos e pornográficos. Classificado como Imóvel de Interesse Público em 1983, a Câmara Municipal de Lisboa leva a cabo uma acção para a sua recuperação, que é concluída a Novembro de 2016. Esta obra de recuperação confere ao edifício, cuidadosamente, a sua linguagem original.



Garagem do Conde Barão

BDG architecture + design, 2016 (reab.)

Avenida 24 de Julho, 62–64

Actualmente são os escritórios do grupo WPP, o maior grupo de publicidade e comunicação do mundo, mas esta garagem foi inicialmente construída como edifício para tratamento de automóveis. O grandioso edifício da Avenida 24 de Julho foi construído em 1955 e era equipado com bombas de gasolina, estação de serviço, oficinas de reparação automóvel, motores marítimos, mecânica agrícola e depósito de peças automóveis de várias marcas. A garagem, que estava ao abandono, foi reconvertida por Ana Costa que fez um trabalho de preservação e recuperação dos principais elementos caracterizadores da arquitectura e da construção da época. De modo a retirar o máximo partido da localização do edifício, foi criado um novo piso com diferentes áreas de estar, um espaço exterior coberto, um espaço interior envidraçado, um espelho de água, e um grande terraço descoberto com vistas para todos os quadrantes. O recuo da entrada principal na 24 de Julho permitiu soltar o volume superior atribuindo leveza a todo o conjunto.



Imprensa Nacional

Domingos Parente da Silva, 1913

Rua da Escola Politécnica, 135

O edifício foi construído no antigo Solar dos Soares e Noronha, e adaptado, em 1769, a Impressão Régia, mais tarde designada Imprensa Nacional. A preferência dada a este solar do século XVI é devida às dimensões e estrutura adequadas à nova função e ao facto de se localizar numa zona menos afectada no Terramoto de 1755. Possuindo três corpos rectangulares ligados em forma de “U”, esta vasta propriedade estendia-se até ao Largo do Rato. Em 1895, o velho edifício, considerado inadequado para as necessidades de um estabelecimento fabril, começou a ser demolido, para dar lugar ao actual. A obra foi concluída em 1913, no entanto o projecto original sofreu alterações pelos engenheiros Vítor Gomes Encarnação, Veiga da Cunha e António Luís Ramos. O edifício é composto por quatro grandes corpos interligados por escadas, corredores cobertos e galerias, encontrando-se os dois centrais unidos pelo anexo que se levantou entre eles. A fachada principal é rasgada por grandes janelas e possui um portal encimado por um frontão circular, interpretação da arquitectura pombalina.



Ordem dos Arquitectos

Pierre-Joseph Pezerat, 1850

/Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, 1994

Travessa do Carvalho, 23

Mandado construir pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o edifício dos Banhos de São Paulo tinha como objectivo aproveitar uma nascente de águas medicinais existente na Ala Poente da Praça do Comércio. Traduzindo uma linguagem tardo-neoclássica, é um edifício de grande simplicidade, de planta rectangular, organizada em torno de um pátio central coberto por uma clarabóia de ferro. O balneário serviu a população lisboeta até 1975, data em que foi encerrado ao público, em virtude dos índices de poluição da fonte abastecedora. Agora Sede da Ordem dos Arquitectos Portugueses, o edifício foi remodelado, numa proposta que mantém o pátio central, as chaminés e a volumetria, e a fachada do edifício. Propondo, em contraste com a linguagem simples do existente, a exuberância da luz, forma e cor, com um resultado surpreendente de vivência interior.



Palacete Barão de Santos

Barbas Lopes Arquitectos, 2017 (reab.)

Praça do Príncipe Real, 14

Ladeando a praça onde se localiza, este palacete foi mandado construir em 1862 por Carolina Augusta de La Rocque. Foi sede da Legação do Japão até à sua rendição em 1945, e até ao ano 2000 foi sede da Fundação Casa de Bragança e do Instituto Camões. É um edifício de estilo ecléctico, com uma gramática ornamental classicizante, marcado por um vestíbulo de entrada e uma caixa de escadas de grande aparato, espaços que determinam a organização das divisões que acompanham todos os alçados. A reabilitação realizada assenta na premissa de preservar ao máximo a tipologia e a linguagem original do palacete. O piso térreo, elevado, e o piso nobre são objecto de um trabalho minucioso de restauro, que inclui refazer paredes conforme os métodos construtivos existentes ou tectos trabalhados em gesso. Os pisos de serviço, pela sua tipologia e avançado estado de degradação, exigiram maior intervenção e invenção. Nesta área e combinando com o Reservatório Patriarcal do Príncipe Real, a poucos metros de distância, exhibe-se uma piscina interior em pedra, de espacialidade e escala notável.



Rua das Gaivotas 6 — Teatro Praga

Artéria, 2015 (reab.)

Rua das Gaivotas, 6

No emaranhado de Santa Catarina, actualmente uma zona central e habitacional, o Teatro Praga ocupa uma antiga escola desactivada. Conhecida como Escola das Gaivotas, por ter sido uma escola primária durante cerca de 50 anos, o antigo Palácio Alarcão recebe agora novos usos. O palácio, com origem no século XVI, integra o Inventário Municipal do Património (IMP). Nos andares principais da antiga escola instalou-se o Pólo das Gaivotas, e o Teatro Praga ocupou o número 6 do palácio, tornando-se na Rua das Gaivotas 6 — lugar de apresentações de espectáculos de artes performativas, artes visuais, conferências, literatura, cinema e workshops. A intenção da recuperação foi criar um espaço de continuidade com o edifício onde se insere, reflectindo uma grande vontade de adaptação, improviso e interacção com a cidade.



Time Out Market

Frederico Ressano Garcia, 1882
/João Piloto, 1930/Aires Mateus, 2014

Avenida 24 de Julho, Mercado da Ribeira

Conhecido inicialmente por Mercado da Ribeira Nova, é inaugurado em 1882, com projecto do Engenheiro Francisco Ressano Garcia, projectista das avenidas da Liberdade e 24 de Julho, e dos bairros de Campo de Ourique e Estefânia. Depois da destruição do Mercado da Ribeira Velha em frente à Casa dos Bicos com o Terramoto de 1755, D. José manda construir o Mercado da Ribeira “Nova” perto da Praia de São Paulo, em 1751. Desde 1876, data do projecto, o mercado sofre um grande incêndio (1893) e várias ampliações, até que viria a ser demolido em 1926. A reconstrução de 1930 introduz a grande cúpula, voltando novamente ao comércio de retalho e grossista. No ano de 2000, o mercado abandona esse tipo de comércio e, em 2001, inicia uma nova actividade cultural no piso superior. Finalmente em 2014, a Time Out passa a gerir o espaço mantendo parte do comércio, mas incluindo igualmente 26 restaurantes, 8 bares, mais de uma dezena de espaços comerciais, uma escola de cozinha (Academia Time Out), um bar-discoteca (Rive Rouge), um espaço de cowork (Second Home) projectado pelo atelier Selgas Cano, e uma sala de espectáculos (Estúdio Time Out).

Avenidas Novas

An aerial photograph of a city, likely Rio de Janeiro, is the background. The image is overlaid with several semi-transparent colored shapes: a large orange shape on the left, a purple shape on the right, and a large orange shape at the bottom. The text 'Avenidas Novas' is written in a large, white, serif font across the top. The map shows a dense urban grid, a river, and various landmarks. The overall aesthetic is modern and graphic.

Estas avenidas derivam de um plano amplo de expansão da cidade para norte, na continuidade do rasgamento da Avenida da Liberdade, da autoria de Ressano Garcia, engenheiro formado em Paris. Iniciado no final do século XIX, o plano previa uma ampliação sem precedentes da área urbana da cidade, estruturando-se em três eixos sequenciais, tendo as praças Marquês de Pombal e Duque de Saldanha como rótulas. O plano responde às condições topográficas e às preexistências, bem como ao desenho do Parque Eduardo VII, propondo diversas malhas com orientações diferentes que se cozem entre si e com o território envolvente. Esta estrutura urbana racional de escala metropolitana, assente em quarteirões de várias formas quadrangulares, compreende além do edificado habitacional, desde prédios de rendimento aos palacetes, uma invejável rede de novos equipamentos, como liceus, tribunal, penitenciária, museus, cinemas, e até uma praça

de touros. Aí também se instalaria, ainda no período da 1ª República, o bairro do Arco do Cego de promoção estatal para a classe média.

As Avenidas Novas materializam a imagem de uma Lisboa metropolitana, cosmopolita e pensada para as emergentes velocidades mecânicas. Aqui se constroem os principais exemplos de arquitectura revivalista e ecléctica do princípio do século XX, da arquitectura modernista dos anos 1930 e da arquitectura do Estado Novo, bem assinalados nos vários prémios Valmor. Porém, a partir dos anos 1970, toda esta área se vai terciarizando e densificando, crescendo em altura e substituindo parte do edificado original. Zona privilegiada na vivência urbana e eixo fundamental de estruturação de Lisboa adquire uma centralidade na cidade, tendo em conta o crescimento da área metropolitana, que se vem consolidando até aos dias de hoje.

Percurso Urbano

Esta visita começa pelo berço das Avenidas Novas, ou seja: Saldanha e as suas várias vidas; a transição das Picoas para a Avenida da República com uma nova escala urbana e arquitectónica; e o palacete de Norte Júnior como paradigma de uma época. Depois concentra-se no eixo maior da Avenida da República, e nas suas várias obras singulares, passando pelos eixos complementares, e pelos edifícios Art Déco e Modernistas de Pardal Monteiro ou Cassiano Branco. Não descurando em falar sobre os “arrabaldes”, “remates” e “ligações” a outras áreas, desta zona de Lisboa.

Especialista
– José Manuel Fernandes



Casa da Moeda

Jorge Segurado, 1941

Avenida António José de Almeida, 42

Uma das grandes obras representativas do regime do Estado Novo, ainda hoje em actividade, esta instituição está situada na regularidade das avenidas de inspiração parisiense, ocupando um quarteirão inteiro sem prejuízo para a sua consistência arquitectónica. É composto por dois corpos programaticamente diferenciados: administração e oficinas, com comunicação interna entre ambas. A sua construção decidiu-se na primeira fase do Estado Novo, sob o mandato do ministro Duarte Pacheco, tendo começado a laborar em 1941. Trata-se de um exemplar da arquitectura de Jorge Segurado onde os ensaios sobre o léxico modernista se multiplicam até ao pormenor. Fica na mente daqueles que o visitam as fachadas ritmadas com sequências de pilares a “meia esquadria”, o revestimento num belíssimo azulejo verde, bem como os detalhes da entrada principal. Em 2012, foi classificado como Monumento de Interesse Público.



Casa no Arco do Cego

Cassiano Branco, 1933

Rua Xavier Cordeiro, 19-21

Este conjunto de moradias adequa-se aos desígnios estilísticos e programáticos da grande obra de regime, ao mesmo tempo que ensaia uma linguagem de cariz mais internacional de Mallet Stevens, em Paris (1926–1927), das villas de Le Corbusier para Pessac (1925–1926) ou do conjunto de Weissnhof em Estugarda para o Deutscher Werkbund (1927). Foram realizadas pela Construtora Nacional de Casas Económicas (SARL), instrumento que regulamentava a política de habitação social do regime de Salazar. Diga-se que noutros bairros posteriores do mesmo regime, a linguagem utilizada é bastante mais conservadora e, neste sentido, este conjunto tem um valor experimental considerável no contexto português. Trata-se de uma moradia com duas habitações, uma por piso, virada para o interior do bairro do Arco do Cego e faz parte de um conjunto de mais seis projectadas por Cassiano para a Avenida António José de Almeida (n.ºs 10, 12, 14, 16, 18 e 24), caracterizadas por uma expressão Art Déco. Volumes puros, terraços, janelas de canto e aberturas rasgadas revelam as novas potencialidades permitidas pelo betão armado na pequena escala da habitação.



Edifício Castil

Francisco Conceição Silva, 1972

Rua Castilho, 39

Num período de maior crescimento económico e de turismo, aumentam as necessidades habitacionais numa periferia desordenada, e no centro da capital dá-se um aumento explosivo do edifício do sector terciário. O Castil, do atelier Conceição Silva, no qual também participa Tomás Taveira, surge como o primeiro grande centro comercial de Lisboa, afirmando este carácter pioneiro através de uma concepção arquitectónica, na qual se destaca o diálogo entre o vidro e as linhas que acentuam a forte verticalidade estrutural. Uma explosão de escala no volume e no desenho de pormenor marca o território central da cidade. Na mesma altura surge o conhecido edifício “Franjinhas” de Nuno Teotónio Pereira, compondo um conjunto na área em torno do Marquês de Pombal. Em ambos se ensaiam novas relações entre a rua e os espaços comerciais nos pisos térreos, em sintonia com outras obras internacionais suas contemporâneas. No Castil, esta relação faz-se através da criação de uma praça interna de acesso às lojas, com três pisos de montras iluminadas voltadas para a Rua Braancamp.



Escola Secundária D. Filipa de Lencastre

Jorge Segurado, 1938

/9H Arquitecturas Associadas, 2010

Avenida Magalhães Lima, 5

Integrado na área do plano do Arco do Cego, esta escola foi construída a partir de um projecto resultante da participação do seu arquitecto num concurso público lançado pelo então Ministério da Instrução Pública, dirigido por Duarte Pacheco. O edifício procura adequar a modernidade ao tradicional, representado pelo bairro social do Arco do Cego, aproveitando o pavilhão construído alguns anos antes, em 1929, com base num projecto de Carlos Ramos, que procura uma expressão volumétrica futurista. Após a construção do pavilhão, o projecto da escola foi abandonado sendo continuado posteriormente com base no trabalho de Segurado, ou seja: procurando não fugir à simetria, aproveitando o ginásio e colocando-o no eixo da entrada. Assim, o edifício apresenta uma forma quadrada com pátio interior. De notar a disposição das salas, todas elas orientadas a Sul, de modo a aproveitar a luz solar.



Estufa Fria

Raul Carapinha, 1933

/Keil do Amaral, 1940

/Appleton Domingos e João Pedro Falcão de Campos, 2011

Parque Eduardo VII

Construída numa antiga pedreira de basalto onde se localizava uma nascente, na zona central do alto do Parque Eduardo VII, a Estufa Fria enriquece o plano verde da cidade. Foi concebida pelo artista e arquitecto Raul Carapinha e inaugurada em 1933. Nos anos 40 recebeu adaptações com o projecto de Keil do Amaral para o Parque Eduardo VII, em colaboração com o engenheiro Edgar Cardoso. Em 2013, foi intervencionada devido ao estado de colapso técnico em que se encontrava a estrutura metálica de suporte da cobertura. A nova estrutura, que manteve a localização exacta dos pilares pré-existentes, foi redesenhada de acordo com a nova cota pretendida para a envolvente, de forma a não comprometer futuras possibilidades de ligação com a cidade, incluindo a expansão para a cota alta ou a articulação entre os diversos equipamentos do complexo. Uma intervenção “silenciosa” preservando muito do seu carácter e garantindo a manutenção das espécies vegetais durante e após a obra.



Fundação Calouste Gulbenkian

Alberto Pessoa, Pedro Cid, e Ruy d'Athouguia, 1969
/Sir Leslie Martin, 1983 (Colecção Moderna)

Avenida de Berna, 45A

Localizada no limite das Avenidas Novas, a Gulbenkian vem alterar definitivamente a vivência urbana e o mundo das artes em Lisboa e em Portugal. O edifício da sede, o museu, e o jardim, inaugurados em 1969, foram elevados à categoria de Monumento Nacional na sequência do reconhecimento das suas extraordinárias qualidades arquitectónicas e paisagísticas. O Centro de Arte Moderna, hoje chamado de Colecção Moderna é inaugurado em 1983 e está dedicado às artes dos séculos XX e XXI. Foi concebido para ser um centro cultural propiciador de uma fruição e intervenção artística mais informal. Este conjunto edificado e o seu jardim, que se fundem, são sentidos pelos lisboetas como seus e usufruídos de forma intensa. A visita convida à subida ao terraço da sede da fundação para uma vista panorâmica sobre a cidade e sobre o jardim.



Hotel Ritz

Porfirio Pardal Monteiro, 1959

Rua Rodrigo da Fonseca, 88

Localizado ao cimo de um dos grandes eixos da capital, com vista privilegiada para o rio, o Hotel Ritz é um projecto político, por sugestão do governo, que desejava ter na capital uma unidade hoteleira de luxo com todos os requisitos da hotelaria moderna, em falta na altura na cidade. Apesar de ser uma “obra de regime”, Salazar não compareceu à inauguração e sempre se recusou a visitar o edifício. Da autoria de Pardal Monteiro, com a colaboração de Jorge Ferreira Chaves (autor da Pastelaria Mexicana), é um dos mais importantes exemplos da arquitectura modernista portuguesa e o primeiro grande hotel de luxo da cidade construído de raiz. Impondo-se sobre a cidade, o projecto regeu-se pelo princípio da organização funcional, na qual assenta o serviço de excelência que preconiza. É também digno de nota a extensíssima colecção de obras de arte de artistas plásticos portugueses presentes neste hotel como Almada Negreiros, Jorge Vieira, Querubim Lapa, Sara Afonso, ou Carlos Botelho. O Ritz é exemplar na forma como o seu proprietário conservou e actualizou um imóvel classificado, associado a uma actividade tão exigente quanto a hoteleira, continuando a ser a grande referência na hotelaria de luxo em Lisboa.



Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira,
Pedro Vieira de Almeida e outros, 1970

Rua Camilo Castelo Branco, 4

Integrada na malha regular das Avenidas Novas, esta igreja faz parte de um grande complexo paroquial, que passa despercebido mesmo ao cidadão mais atento. A rua que a atravessa cria um inesperado espaço público, deixando de lado a tradicional monumentalidade e convidando à entrada e ao convívio. Rompendo com a tradição religiosa, os arquitectos recuperaram o modelo de igreja romana primitiva, reforçando a relação entre o espaço religioso e a comunidade envolvente, levada ao limite pelo carácter despojado e urbano que o betão aparente lhe confere. Refinadamente trabalhada em termos de espaço, detalhes, e luz, esta igreja é surpreendente para quem entra no seu interior e se depara com a sua volumétrica monumental. Este edifício é um exemplo fundamental do Movimento para a Renovação da Arte Religiosa (MRAR), que juntou vários artistas e arquitectos na requalificação da arquitectura religiosa. Em 1975, é-lhe atribuído o Prémio Valmor, e é Monumento Nacional desde 2010.

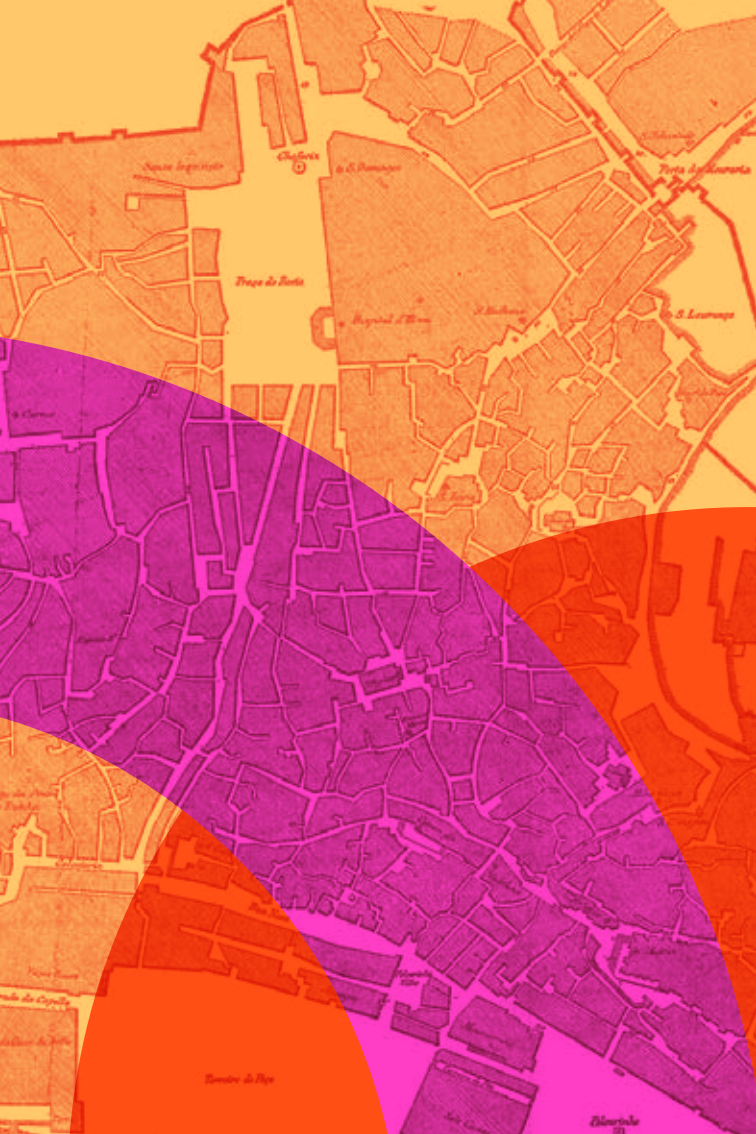


Palácio da Justiça

Januário Godinho e João Andresen, 1970

Rua Marquês de Fronteira

Situado à mesma cota que o Castelo de São Jorge, o Palácio da Justiça de Lisboa faz parte de um plano para um grande Fórum de Justiça, que não chegou a ser construído na totalidade. Deste plano inicial, foram finalizados em 1970 os Tribunais Cíveis e de Polícia, e a grande praça, uma espécie de Fórum que congregava a justiça da capital. O conjunto rompe com a tradição dos Palácios de Justiça, adoptando uma linguagem moderna e de grande originalidade conceptual. O seu enquadramento urbanístico, volume, expressão, e funcionalidade, aliados aos novos materiais empregues na sua construção, constituem-no como um edifício que se impõe por si. Os espaços de uso público têm uma enorme atenção no desenho, quer os que se relacionam com a praça, quer os do interior que revelam uma interessante noção de espaço público através do requinte do pormenor e de relação com o exterior e com a luz, uma clara alusão simbólica à transparência. Foi igualmente dada relevância às obras de arte, com exemplos de trabalhos de Jorge Barradas, Júlio Resende, Querubim Lapa e Amândio Silva.



Sainte Marguerite

Clayton

S. Dominique

Fort de la Couronne

Fort de la Couronne

Trappe de la Reine

Hospice d'Orléans

Hôtel de la Cour

S. Louis

S. Germain

Orléans

Orléans

Orléans

Orléans

Orléans

Orléans



Mouraria
Inten-
dente
Areiro

Planta da C...
ca m...
Empre...
as de...
neira...
S. 729

Castiço

Cova da F...

Porto de

S. Vicente de Fora

Parque de S. Br...

Ap...

Ch...

Ch...

Paralelo ao desenvolvimento para norte das Avenidas Novas, o eixo da Almirante Reis realiza-se na zona menos privilegiada da cidade a oriente. Partindo das demolições camarárias sucessivas no Martim Moniz, que deixam a praça numa condição de irresolução quase até aos dias de hoje, esta via rectilínea alberga essencialmente habitação popular, característica da afirmação da industrialização nas primeiras décadas do século XX.

De facto, é na zona histórica oriental da cidade que temos alguns dos casos mais paradigmáticos de vilas e bairros operários em Lisboa. Com uma dominante construção corrente, pontuada por alguns significativos edifícios históricos e modernos, este eixo ganharia uma nova relevância, nos anos 1930, com a edificação do Instituto Superior Técnico, bem como da grande Alameda que o enquadra, no âmbito da campanha de obras promovidas

pelo Estado Novo. Esta intervenção estruturante nesta zona da cidade potenciará a norte o coroamento da avenida com o desenho da Praça do Areeiro, em linguagem Português Suave, com novos bairros habitacionais para extractos sociais mais abastados.

Desde o seu início, com a Mouraria, esta é uma zona da cidade marcada por comunidades emigrantes, realidade que hoje se diversificou com novas comunidades asiáticas e africanas que aí se instalam pela sua relativa acessibilidade económica. A sua vida multicultural é por isso muito activa e animada, irradiada agora a partir do recentemente reabilitado Largo do Intendente. Apesar de diversas intervenções que procuram consolidar a coesão social e cultural nesta zona da cidade, manifesta-se hoje, com a crescente pressão imobiliária, o espectro de gentrificação progressiva de toda a área.

Percurso Urbano

O objectivo deste percurso é pensar nos limites do lugar a que chamamos Almirante Reis. A arquitecta Inês Lobo, tomando esta avenida como eixo, traça a visita em dois temas: “Linha de Festo”, em que será feita uma visita aos miradouros, e “Linha de Água”, em que se andará ao longo da via antiga, no rio que ali existia e que se iniciava no Desterro, tendo o seu fim no Convento de Arroios. No cerne da visita, um mapa feito pela arquitecta que representa um território imaginado a partir do pensamento sobre estes dois temas.



Casa da Severa

José Adrião Arquitectos, 2012 (reab.)

Largo da Severa, 2

Edifício aparentemente corrente e habitacional na malha fechada do Intendente/Mouraria, que veio alterar significativamente a imagem e os usos que o rodeiam. O projecto transforma um edifício de habitação situado no Largo da Severa, num equipamento cultural designado por Casa da Severa. De modo a adaptar o espaço existente ao novo programa público, opta-se demolir o interior degradado do edifício e preservar o seu exterior mantendo a sua forte identidade urbana. O acesso ao café/restaurante — espaço principal do equipamento — faz-se directamente a partir do espaço público através de uma escadaria. Esta escadaria funciona simultaneamente como zona de estar exterior do equipamento. A sala principal tira partido da máxima altura interior disponível, de 6,50 metros. Uma das paredes da sala funciona como zona de projecção de vídeos. No piso térreo estão situadas todas as zonas técnicas do programa, tais como cozinha, instalações sanitárias e arrumos.



Centro de Inovação da Mouraria

DNSJ Arquitectos, 2014 (reab.)

Travessa dos Lagares, 1

Situado no Quarteirão dos Lagares, no sopé da colina junto ao jardim da Graça, o edifício onde se encontra instalado este centro era uma antiga residência senhorial do século XV. O edifício original era constituído por cinco edifícios na sua maioria pré-pombalinos. As construções apresentam características de um dos raros exemplos subsistentes em Lisboa de organização espacial marcadamente islâmica, constatável no modo como o conjunto se articula através de diferentes níveis e pátios. Este centro insere-se na estratégia da autarquia de regeneração do território da Mouraria, de promoção das indústrias culturais e criativas na cidade de Lisboa, e de apoio ao emprego e ao empreendedorismo jovens. O edifício tem três pisos e um espaço exterior visitável pelo piso 2.



Edifício Manifesto

Artéria, 2012 (reab.)

Beco do Rosendo, 8—10

Hoje Casa Comunitária da Mouraria, este lugar que se assumiu como manifesto em forma de edifício nasceu há cerca de 8 anos. Um modelo de reabilitação integrado, um manifesto pela reabilitação efectiva e sustentável dos bairros históricos de Lisboa. Este foi o desafio assumido entre o atelier Artéria e a Associação Renovar a Mouraria: reabilitar um edifício que tinha como objectivo transformar-se na Casa Comunitária da Mouraria, um equipamento para a população, transformado o processo de obra, e tudo o que envolve, num manifesto pela reabilitação urbana. Hoje, é um espaço que serve de casa à Associação Renovar a Mouraria que centraliza aqui a sua acção no bairro e na cidade. Trabalha em torno de três eixos principais — a dinamização cultural e artística, a dinamização de serviços gratuitos de apoio comunitário, e o empreendedorismo e inovação social. Neste espaço prestam-se serviços tais como o Gabinete da Cidadania, o apoio ao estudo para crianças e jovens dos 6 aos 18 anos, aulas de português e alfabetização para migrantes, entre muitos outros.



Instituto Superior Técnico

Porfirio Pardal Monteiro, 1928

Avenida Rovisco Pais, 1

O Campus da Alameda do IST é uma obra que esteve sob a alçada do conhecido Ministro das Obras Públicas Duarte Pacheco. Foi concluída entre 1936 e 1937, mas teria sido começada 15 anos antes, quando o ministro na altura director da instituição avançou com a compra dos terrenos do Arco do Cego, mesmo ao lado do recente bairro social. O projecto do IST para a Alameda não é um projecto de um objecto mas de cidade. A implantação dos pavilhões faz-se paralelamente à Avenida Almirante Reis e a subir a colina, desenhando assim uma Alameda verde que culmina na entrada do Instituto. O gesto representou a exteriorização de uma ideia urbanística de racionalismo geométrico. A volumetria proposta é simples e paralelepípedica reforçada pela utilização de paredes rebocadas, sem cunhais, pintadas com uma cor clara e uniforme e praticamente sem cornijas a rematar a cobertura. As janelas são apenas rasgos, sem molduras e com caixilharia fina. O Campus do IST não está parado no tempo. Destacam-se a realização mais recente: o pavilhão do Pavilhão de Eng. Civil e Arquitectura, e as Torres Norte e Sul, simétricas em relação à Alameda. Ambos projectos realizados nos anos 1990. Actualmente, o conjunto continua a funcionar incluindo as piscinas, o infantário, e a cantina.



Largo Residências

Atelier Mob, 2013 (reab.)

Largo do Intendente, 19

Este é um exemplo de economia social e, neste sentido, de arquitectura com propósitos de alteração do ambiente sociológico da cidade. Este espaço tem como missão contribuir para o desenvolvimento local, através da concretização de actividades culturais e negócios sociais, impulsionadores da criação e dinamização artísticas e do envolvimento e integração comunitários. Com sede no Largo Intendente nº 19, promove a sua actividade sócio cultural um pouco por todo o bairro, sendo o Largo do Intendente o palco e as ruas adjacentes um dos focos de intervenção social mais prioritários. As áreas de acção estão divididas pelos vários espaços: no piso térreo o Largo Café Estúdio e Loja – enquanto negócio social e lugar de cruzamento de todos os públicos alvo; no 1º e 2º piso o Largo Hostel & Suites, dedicados à actividade de Alojamento Local, um dos pilares de sustentabilidade económica do projecto; e no 3º e último piso, o Largo Residências Artísticas divididos entre a área privada de produção e os quartos para artistas em residência no Largo.



Hospital dos
Alcandados

INSTITUTO
de
CENSELARIA

Escola de
Medicina

Escola da
Escritura

Campanha dos
Martyres do Patrio

Hospital
do
Infantil

Hospital
de S. Jose

Colégio

N. S. do Monte

Th. dos Comdes
Centro Militar

Estação
de S. Paulo

Th. Principe Real

Estação
Central

Th. de S. Marçal

Quartel

Gracia

Igreja do
Carmo

Castello
de S. Jorge

Casa da
Correcao

Governo
Civil

O R I E N T E

Municipio Municipal

S. Paulo

Linoeiro

A historical map of a city area, likely in Brazil, with a grid overlay. The map is rendered in shades of orange and red. Key landmarks labeled include 'Cemitério Oriental (1º Cemitério)', 'Deposito do Alvicilia', 'Fabrica d'Armas', 'Estação de Santa Apolonia (Cava dos Soldados)', 'Fundação de Canhoes', 'Armao de Cito', 'Camalhão', 'Tribunal Militar', 'Fundo de São José', 'Fundo de São João', 'Fundo de São Pedro', 'Fundo de São Paulo', 'Fundo de São Sebastião', 'Fundo de São Vicente', 'Fundo de São João do Rio', 'Fundo de São João do Campo', 'Fundo de São João do Monte', 'Fundo de São João do Alto', 'Fundo de São João do Baixo', 'Fundo de São João do Meio', 'Fundo de São João do Lado', 'Fundo de São João do Frente', 'Fundo de São João do Trás', 'Fundo de São João do Dentro', 'Fundo de São João do Fora', 'Fundo de São João do Alto do Lado', 'Fundo de São João do Baixo do Lado', 'Fundo de São João do Meio do Lado', 'Fundo de São João do Frente do Lado', 'Fundo de São João do Trás do Lado', 'Fundo de São João do Dentro do Lado', 'Fundo de São João do Fora do Lado'.

Beato Marvila

A área oriental da cidade de Lisboa sempre foi negligenciada em relação à expansão para ocidente. Na continuidade dos bairros históricos de Alfama, da Mouraria, e da Graça, esta zona cresce a partir da faixa costeira pelos grandes eixos que a acompanham: o interior de natureza histórica assinalado pelos diversos conventos, o exterior marcando a nova extensão portuária e industrial.

Esta condição de indústria revela-se na presença neste território de várias vilas operárias e até bairros sociais do Estado Novo. Estes bairros para as classes mais desfavorecidas, desenhados como aldeias autónomas na então periferia da cidade, estruturam a cidade a oriente com o bairro da Madredeus e, mais a norte, o bairro da Encarnação. Toda a zona de Marvila e Beato ainda mantém hoje esse carácter popular e industrial, com a implantação para o interior de novos bairros sociais e a presença, ainda em laboração ou já em ruína, de várias fábricas e armazéns. Neste sentido, nos últimos anos,

a preocupação com a regeneração social da área tem sido marcada pela construção de novos equipamentos sociais e culturais, e pela legalização e requalificação dos bairros clandestinos existentes no local.

No entanto, devido à sua proximidade simultaneamente ao centro histórico e ao recente Parque das Nações, hoje toda esta área se torna muito atractiva para novos habitantes e actividades. A actual construção de complexos habitacionais de luxo, a implantação de novos pólos empresariais e criativos e a presença de novos agentes culturais prometem transformar rapidamente toda esta zona da cidade, num novo equilíbrio que é necessário estabelecer com a vida das comunidades existentes.

Percurso Urbano

Marvila é um território de esperanças adiadas. O PDM (Plano Director Municipal) de Lisboa atribuía-lhe os mais elevados índices de construção para novas edificações, projectava-se para amanhã o novo hospital central de Lisboa e as bases da terceira travessia que ligaria Lisboa e Barreiro. No virar do milénio, a presciência do negócio, levou o BES a lançar ofertas de compra em terrenos, outrora, de pouco valor. A implosão do banco dispersou as suas propriedades por fundos imobiliários. Na construção da narrativa sobre a cidade, vai-se mostrando a Marvila *hipster* e a Marvila dos bairros ditos sociais. Nas dinâmicas do espaço são realidades que raramente se cruzam. Tentemos conhecer as geografias que as medeiam.

Especialista
— Tiago Mota Saraiva



Biblioteca Municipal de Marvila

Raúl Hestnes Ferreira, 2016

Rua António Gedeão

Numa franja a poente de Marvila, entre os bairros sociais de Chelas e um dos assentamentos dispersos da zona oriental de Lisboa encontra-se esta biblioteca, inaugurada em Novembro de 2016, que se assume como uma alavanca à inclusão social, uma acção que revoluciona o esquecimento a que estavam remetidos os habitantes daquele bairro e que marca a ideia de biblioteca do século XXI. É a maior biblioteca municipal em Lisboa e divide-se em dois volumes, um construído de raiz e outro recuperado (a antiga Quinta das Fontes). Dispõe de várias salas de leitura e de trabalho, espaços lúdicos para crianças e bebés, auditório, foyer, cafetaria e um espaço de homenagem ao escritor José Gomes Ferreira, bem como todo o seu espólio.



Empreendimento Prata

Renzo Piano Building Workshop, CPU Urbanistas e Arquitectos
(em construção)

Rua Cintura do Porto

Passados 20 anos do projecto inicial, Renzo Piano, Prémio Pritzker e arquitecto do famoso projecto do Centre Georges Pompidou em Paris, vai ver a sua ideia construída nesta zona industrial em transição de Lisboa. Implantado numa área de oito hectares, no local onde funcionou uma fábrica de material de guerra, este empreendimento é actualmente o maior em construção na cidade, com 12 lotes destinados a habitação (499 fogos), serviços e comércio, com um total de 132.485 metros quadrados. A capacidade para estacionamento público é de cerca de 600 lugares. Conjuntamente com o Plano de Pormenor da Matinha, esta intervenção contribui para a devolução de uma extensa área da frente ribeirinha à cidade, que será convertida numa estrutura verde de lazer, que se organizará em rede com o resto da cidade. Piano inspirou-se no revestimento cerâmico lisboeta e, reinterpretando-o, avança com uma proposta tecnológica para a materialização destes novos edifícios, como é seu hábito.



Fábrica Musa

Paulo Moreira, 2017 (reab.)

Rua do Açúcar, 83

O bairro de Marvila, na zona oriental de Lisboa, está a assistir a um processo de transformação. Após décadas de abandono gradual devido à desindustrialização da cidade, este tornou-se numa zona emergente da cidade de Lisboa. Um antigo armazém desocupado ganhou vida com uma nova indústria: a fábrica de cerveja artesanal Musa. É uma intervenção mínima e de custos controlados. O programa consiste numa fábrica, bar e zonas técnicas. Na fábrica, acomodam-se de modo eficiente os equipamentos técnicos necessários para o fabrico de cerveja, seguindo regras e legislação apertadas. As zonas de serviço localizam-se num novo volume feito de blocos de cimento pintado e betão em bruto, na transição entre a fábrica e o bar. No bar, explora-se a ideia de prática artesanal, conciliando o carácter industrial do edifício original com a criação de um ambiente assumidamente descomprometido, ideal para encontros à volta de música e cerveja.



Hub Criativo do Beato — Oficinas de Manutenção Militar

Vários autores, 1897

Rua da Manutenção, 118

Entre a escala do Porto e a do habitar proletário da zona oriental de Lisboa, o Hub Criativo do Beato surge como proposta de reabilitação do tecido humano e urbano através da revitalização do Património Industrial da cidade. A Câmara Municipal de Lisboa aproveita as novas polaridades da Expo e da nova ponte para estrategicamente apoiar a natural regeneração da zona do Beato e Marvila. Fundada em 1897, a Manutenção Militar surgiu na zona oriental como um grande projecto industrial do Exército Português, para garantir a alimentação às suas tropas. Diversas fábricas de produção alimentar (moagem, fábrica de pão, fábrica de bolacha, fábrica de massa, torrefacção e moagem de café, etc.) foram construídas e mantidas por mais de 100 anos, ampliando um complexo fabril com 30.000 metros quadrados. A última fábrica encerrou em 2011, mantendo-se com toda a maquinaria em excelente estado de conservação. Vinte edifícios estão hoje expectantes de uma intervenção, que se espera para breve — em 2016 a CML convidou a Startup Lisboa para um novo projecto neste local: o Hub Criativo do Beato.



Loft Braço de Prata

Marcelo Dantas e Susana Seco, 2017 (reab.)

Rua Projectada à Matinha, 2 – Bloco B

Na recente zona de expansão do Braço de Prata, surgem as primeiras reconversões, numa tentativa de conjugar escalas e usos numa malha de cidade que une a grande dimensão do porto com os serviços e a habitação. O antigo escritório, de planta regular pontuada por apenas três pilares, é agora uma ampla casa e atelier com enfoque na amplitude espacial e no ecrã do horizonte do Mar da Palha. A partir de uma única entrada acede-se a um espaço de distribuição para a casa e para o atelier. No atelier, um pódio em betão atravessa longitudinalmente o espaço, servindo de canal de passagem das infra-estruturas. Sobredimensionado na sua altura, este pódio torna-se também num banco corrido para contemplação da vista. A casa segue o mesmo princípio de simplicidade e flexibilidade, juntando todas as áreas infra-estruturadas e deixando o restante espaço livre. Os dois quartos permitem o seu posicionamento móvel no espaço, possibilitando adequar a sua posição à vivência familiar ou à melhor vista de acordo com a época do ano.



Regularização dos Bairros Prodac

Dinamizada pelo Atelier Mob e associações de moradores, 2016

Rua Pedro de Azevedo

Uma das situações mais complexas no tecido urbano construído em Lisboa é o caso da habitação de génese informal ou ilegal, que em muitos casos ainda hoje se mantém sem resolução. Este bairro é um exemplo de resolução material e programática de um destes casos. Uma resolução feliz, no sentido em que abriu caminho a que todas as casas de ambos os bairros, mais de 2500 pessoas, vissem reconhecido o direito à propriedade de sua casa (autoconstruída entre 1972 e 1973) pela compra do terreno municipal onde se encontra implantada. Nos critérios de alienação foi tida em conta a possibilidade de muitos dos moradores não terem a necessária disponibilidade financeira, permitindo-se a compra através de um instrumento de renda resolúvel a dez anos. Esta aprovação foi memorável para todas e todos que resistiram e trabalharam aos longo dos anos no sentido de encontrar soluções e construir os procedimentos para o reconhecimento e regularização deste bairro de Lisboa.



Ulisseia

Atelier João Quintela Tim Simon, 2018 (reab.)

Avenida Infante D. Henrique, Edifício Beira Rio, Fração P

Num ambiente de grande mudança na zona entre Marvila e Beato, este apartamento é um exemplo de alteração de usos e de evolução espacial em linha com as mais recentes alterações socioeconómicas lisboetas. O projecto consiste na conversão de um armazém industrial de 270 metros quadrados num espaço com dois usos principais: primeiro, alojamento temporário destinado exclusivamente a grupos de turistas; e segundo, organização e dinamização de eventos, culturais, sociais, e de marketing. O espaço oferece duas escalas e duas materialidades de suporte a estas duas funções: lógica estrutural do armazém industrial que cria os quartos privados, e um conjunto de espaços circulares, sempre tangentes entre si e com dimensões variáveis, que por sua vez criam os espaços de uso comum. Estas áreas dialogam entre si e, claro, com as vistas para o rio Tejo e para as zonas industriais situadas mesmo em frente.



Underdogs Gallery

António Louro e Estúdio Pedrita, 2017 (reab.)

Rua Fernando Palha, 56

Esta galeria é um espaço expositivo inovador que trabalha com alguns dos mais conceituados artistas internacionais contemporâneos de inspiração urbana. Organizando várias exposições individuais e colectivas ao longo do ano, a sua programação tem por missão criar oportunidades para artistas portugueses e estrangeiros, tanto consagrados, como novos talentos, a desenvolverem trabalho em Lisboa — na cidade, com a cidade e para a cidade —, assim como divulgar a sua obra junto do público em geral, crítica especializada e colecionadores. Com uma área de 388 metros quadrados, o espaço singular da galeria é também um ponto de encontro, onde artistas e o público podem interagir e aprender em conjunto. A galeria apresenta um primeiro espaço de exposição e um *backstage* com acervo e escritórios. A Underdogs é um exemplo na apropriação do espaço industrial da zona de Marvila e Beato e, sem dúvida, é este lado artístico que convida a cidade a ser vivida de novo.



Vertigo

Atelier João Quintela Tim Simon, 2014 (reab.)

Avenida Infante D. Henrique, Edifício Beira Rio, Fracção S

Instalado num grande armazém industrial na frente ribeirinha, este lugar não é apenas um espaço de escalada mas também um projecto arquitectónico. Como memória simbólica do período industrial em Lisboa, surge uma estrutura construída com peças de betão e blocos de madeira de pinho sobrepostos e pintados a vermelho, que definem um espaço interior onde predominam elementos metálicos negros. Assume-se como uma estrutura flexível que permite diferentes usos, como um espaço de café e recepção de visitantes.



Bairro do Calvario

Linha d'Alcantara

Porto d'Alcantara



Belém / Restelo

A expansão preferencial da cidade de Lisboa foi realizada para ocidente. Lugar marcante na época dos descobrimentos, com a presença de alguns dos principais monumentos nacionais, viu aqui erguerem-se importantes palácios, como o de Belém e o da Ajuda, que passaram pela família real e pela república, mantendo a vincada conotação política deste local até aos dias de hoje. Refira-se que em Belém o Estado Novo celebrar-se-ia a si mesmo na Exposição do Mundo Português de 1940, que ainda continua a marcar a estrutura urbana da zona ribeirinha, mesmo após novas obras de regime, como o Centro Cultural de Belém, o novo museu dos Coches e mesmo o recente MAAT. Em nenhum outro lugar em Portugal é possível encontrar tão materializada a cartografia do poder.

Entre a zona monumental de Belém, estruturada ao longo da linha de costa pela rua da Junqueira, e o grande parque metropolitano de Monsanto, foi-se consolidando um tecido

habitacional com vincadas marcações temporais e sociais. Primeiro o tecido histórico da Ajuda e Santo Amaro, depois os bairros sociais do Estado Novo no limiar de Monsanto e, finalmente, toda a urbanização do Restelo que vai subindo a encosta ao longo das décadas. Esta última, compreende os bairros económicos na parte baixa, a zona de vivendas abastadas a meia encosta, muitas entretanto transformadas em **embaixadas**, o plano da EPUL de reinvenção moderna da cidade tradicional, e por fim as torres que marcam o *skyline* da zona. Área privilegiada da cidade vai-se transformando hoje através da implantação de novos e renovação de velhos edifícios públicos de natureza cultural e turística e por processos crescentes de reabilitação urbana nos seus tecidos históricos.

Percurso Urbano

A zona que hoje designamos de “Restelo” ilustra uma parte do primeiro grande fôlego do município de Lisboa na urbanização da vertente tardoz ao Mosteiro dos Jerónimos. O Plano de Urbanização da Encosta da Ajuda, desenvolvido a partir de 1938 pelo primeiro urbanista português, João Guilherme Faria da Costa, veio substituir edificações nobres e agrícolas que pontuavam a vertente mais ocidental da cidade, por um bairro residencial de luxo voltado ao Tejo em anfiteatro. Durante a década de 1940, a nova malha urbana encenada ao gosto *Beaux Arts*, recebeu um vasto mostruário de emproadas “Casas Portuguesas”. A par destas construções — e do aglomerado de mais de 400 casas económicas entretanto erguidas em contraposição ao plano original — o Restelo serviu a “novíssima geração de arquitectos” como um laboratório projectual no ensaio de habitações unifamiliares/plurifamiliares Modernas.

Especialista
— Patrícia Bento D’Almeida



Apartamento Arriaga

Embaixada, 2017 (reab.)

Rua Presidente Arriaga, 98

Localizado numa rua que é um dos eixos históricos de desenvolvimento da cidade paralelos ao rio para poente, este apartamento é um exemplo de habitação corrente numa envolvente variada, de palacetes, conventos e ambiente industrial. Trata-se de uma tipologia de habitação de pequena dimensão, labiríntica, fragmentada e com pouca iluminação natural. O colectivo de arquitectos apresentou uma proposta *Action-Research*, ou seja, uma obra feita pela manipulação directa da matéria e do espaço pelo próprio corpo, sem desenhos, maquetas ou simulações 3D. O espaço existente e seus objectos transformam-se numa nova leitura de viver, mais actual e prática, através de uma proposta de depuração e simplificação.



Casa no Restelo

Mafalda Batalha, 2015

Rua D. Francisco de Almeida, 4

Este é um exemplo de intervenção de arquitectura contemporânea de raiz num bairro essencialmente residencial dos anos 1940 e que teve o seu desenvolvimento maior nas duas décadas seguintes. A predominância de habitações unifamiliares faz desta zona um lugar de trabalho de arquitectos neste período, mas na actualidade são poucos os exemplos de arquitectura existentes. Mafalda Batalha apresenta uma habitação de forte relação com o exterior em dois corpos de betão sobrepostos colocados de forma a relacionarem-se com a topografia e vegetação existentes. O edifício contrapõe o aço e o betão branco ao verde do espaço envolvente. No interior, os dois corpos relacionam-se através de níveis intermédios, suavizando a vivência e a ligação dos espaços. O edifício ganhou Menção Honrosa nos Prémios Valmor em 2015.



Casa Prazeres e Atelier JAA

José Adrião Arquitectos, 2013 (reab.)

Rua Gilberto Rola, 27

Numa rua estreita de Alcântara e dissimulada no casario, encontra-se esta casa, um exemplo de nova construção para uma habitação contemporânea que aproveita a antiga fachada, o único elemento passível de recuperar numa ruína quase eminente. O novo edifício procura espaço na sua conformação volumétrica e organização interior. Introduce-se uma cave e um terraço, e desenha-se o interior em duas áreas. Na primeira, situam-se todas as áreas técnicas, condutas, circulação, cozinhas e casas de banho. Na segunda, ficou unicamente espaço. O edifício, que tem duas casas comunicantes entre si, abre-se para o exterior dos pátios e para o terraço. Na casa de cima há uma grande clarabóia que ilumina as salas e os quartos. Para reforçar o carácter informal da casa, pretendido desde o início, optou-se por acabamentos crus. Na mesma rua, uma antiga serralharia foi transformada no atelier do arquitecto com uma montra aberta para rua.



Centro Cultural de Belém

Manuel Salgado e Vittorio Gregotti, 1990

Praça do Império

O edifício remata, pelo lado poente, a Praça do Império e todo o equipamento reunido nesta zona histórica ribeirinha da cidade. O conjunto monolítico em pedra de lioz reconhece a morfologia do edificado existente deixando abertas uma série de circulações que completam a vivência à sua volta. A construção do Centro Cultural de Belém foi decidida no início de 1988, com o intuito de acolher, em 1992, a presidência portuguesa da União Europeia. Actualmente, reúne a Colecção Berardo no centro de exposições, a Garagem Sul, um conjunto de auditórios e de espaços de conferências, comércio e espaços públicos, bem como uma série de serviços culturais de forte interesse para a cidade e para o país.



Direcção de Serviços de Documentação e Arquivo

Carrilho da Graça Arquitectos, 2002

Presidência da República, Palácio de Belém,
Praça Afonso de Albuquerque

Em torno do palácio presidencial, a nova construção para este centro de documentação desenha-se com uma série de socalcos, uma espécie de plataformas ajardinadas com as quais se articula através de um grande pátio.

Sente-se muito a terra como massa contida da qual nasce a vegetação e as árvores. Visto do exterior, o palácio tem uma escala pequena e delicada. A sua qualidade tem mais a ver sobretudo com os espaços abertos que o envolvem: terraços, *loggias*, varandas e alpendres. E, quando entramos no seu interior, apercebemo-nos de uma escala e sentido palaciano claramente assumidos. A verticalidade dos salões confere-lhes uma elegância inesperada.

A intervenção introduz mais uma plataforma de terra, hoje construída de uma maneira mais complexa e sofisticada que as existentes. A nova construção assume o seu papel secundário perante o primeiro palácio nacional, mas igualmente lhe confere a dignidade representativa.



Embaixada da Noruega

José Alexandre Gomes Bastos, 1952

Avenida D. Vasco da Gama, 1

Numa altura em que um grande número de moradias são construídas no bairro do Restelo, alguns arquitectos dedicam-se com grande empenho a estes projectos. É o caso de Gomes Bastos, que no período do início dos anos 1950 teria cerca de dez moradias, muitas delas situadas neste bairro. Nesta casa, a actual Embaixada da Noruega (desde 1977), o arquitecto reconhece um habitar moderno numa construção mista entre o betão armado e a pedra, que alivia a ideia do moderno com a introdução de elementos mais tradicionais. Evidenciam-se a elevação da casa em relação ao piso térreo libertando o jardim e a abertura de amplas varandas de estar sobre a vista a Sul, bem como o terraço ao gosto do *toit terrasse* da Villa Savoye de relação ampla entre o interior, o exterior protegido e a vista ampla. Em 1952, a casa foi obra finalista do Prémio Municipal.



Escola Francisco de Arruda

António José Pedroso, 1953
/José Neves, 2011

Calçada da Tapada, 152

Esta escola, criada no princípio da década de 1950, situa-se exactamente no limite entre a cidade estabilizada e a Tapada da Ajuda, situação que lhe proporciona a descrição da actual entrada. Destinada ao ensino inicial de jovens do sexo masculino nas áreas Comercial ou Industrial, em 2009-2010, no âmbito do programa Parque Escolar, a escola sofre obras profundas de requalificação. “Se não tens uma aldeia, meu filho, tens de ir em busca dela!”. Esta frase de João dos Santos serviu de inspiração ao projecto de requalificação e ampliação desta escola básica. Os edifícios originais, à volta de um pátio, pareciam construídos em tempos diferentes criando uma cidade. O projecto continuou serenamente essa ideia — sentem-se os diferentes momentos da sua construção mas os vários elementos estão em sintonia e respondem com uma mesma forma de pensar às diferentes etapas e necessidades do edifício. Esta escola é Prémio Valmor 2011 e Prémio Secil 2012.



Fundação Champalimaud

Charles Correa, 2010

Avenida de Brasília

No limite da frente ribeirinha de Lisboa, junto a Algés, zona que actualmente se encontra em renovação, esta fundação é um exemplo de mudança da ocupação da marginal de zona industrial para institucional. Este centro é um exemplo de renovação e expansão da cidade. Como pólo de excelência em investigação médica no campo da biomedicina, veio devolver ao público uma importante área na zona ribeirinha de Pedrouços, junto a Belém. Este conjunto edificado voltado para o rio Tejo, está implantado em 65 mil metros quadrados. É composto por três grandes áreas: o edifício principal com a clínica oncológica e os laboratórios de investigação em cancro e em Neurociências, o edifício dos espaços públicos (auditório, restaurante Darwin e o centro de exposições) e o anfiteatro ao ar livre.



LU.CA – Teatro Luís de Camões

Manuel Graça Dias e Egas Vieira Moniz, 2018 (reab.)

Calçada da Ajuda, 76–80

A sala agora recuperada data do século XVIII (1737), quando foi a Casa da Ópera do Rei D. João V, antes do aparecimento do Teatro de São Carlos. Situado na rua que ladeia o Palácio de Belém, o Teatro Luís de Camões foi desenhado inicialmente com uma escala reduzida, a escala de um teatro privado. Edifício neoclássico tardio, passou a Teatro Luís de Camões em 1880 (nos 300 anos do nascimento do poeta) e no último século acolheu o Belém Club, colectividade cultural. O LU.CA reabre renovado como “lugar para crianças, para jovens e para as artes”, propondo experiências de relação com o desenho do próprio edifício e desafiando a sua função para o entendimento dos vários formatos artísticos. Nesta visita, convida-se o público a conhecer o mais recente teatro lisboeta, recentemente recuperado, mostrando como tudo funciona por dentro do que normalmente só se vê por fora.



MAAT — Central Tejo

Vieillard e Touzet, 1908
/Vários autores, 1951

Avenida de Brasília

Contrastando com as formas curvilíneas do MAAT, a Central Tejo é um edifício único no panorama arquitectónico de Lisboa. Este é um dos mais belos exemplos de arquitectura industrial da primeira metade do século XX em Portugal. A sua estrutura segue o tipo de arquitectura ocidental do ferro, com revestimento em tijolo maciço, que configura e decora as fachadas em estilos artísticos que abrangem desde a arte nova até ao classicismo. Hoje, é um museu que mostra e preserva a história da electricidade, com a sua maquinaria original totalmente conservada, e que também funciona como grande espaço expositivo em articulação com o novo edifício vizinho.



MAAT — Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

Amanda Levette Architects, 2016

Avenida de Brasília

Em menos de dois anos, este museu modificou dramaticamente a frente ribeirinha de Lisboa. Nesta zona, outrora industrial, a arte transforma a paisagem, e faz a ligação entre a planura da mesa à beira rio e a Central Tejo. O museu parece levantar-se do chão exibindo um jardim público pensado pelo arquitecto paisagista Vladimir Djurovic e encerrando quatro espaços expositivos: Galeria Oval, Galeria Principal, Video Room e Project Room, num total de cerca de 3 mil metros quadrados. A diversidade de programas e de espaços tornaram-no rapidamente num elemento essencial do roteiro cultural da cidade, e numa cobertura pedonal privilegiada para beber a vista e o lado de lá do rio.



Museu de Marinha

Frederico George, 1958

Praça do Império

Sediado na ala oriental do Mosteiro dos Jerónimos e estendendo-se num pavilhão moderno a poente, este museu é uma jóia do nosso património histórico e científico. Aqui se encontram peças de incalculável valor, a par com modelos, mapas e esculturas que introduzem o visitante na arte e ciência da navegação portuguesa. Depois de passar por vários outros espaços na cidade, o Museu da Marinha é o primeiro edifício construído de raiz com o propósito de albergar colecções museológicas, em Portugal. Este edifício, construído em finais da década de 1950 tem um grande pavilhão que alberga construções navais de grande envergadura. Passear por este museu permite ao visitante ter a oportunidade de ver em pormenor a evolução da arte naval, seguindo os modelos de barcas, caravelas e naus, tais como os de galeões e navios mais recentes, incluindo os mais modernos.



Museu Nacional dos Coches

Paulo Mendes da Rocha, MMBB Arquitectos,
Bak Gordon Arquitectos, AFA Consult, 2012

Avenida da Índia, 136

No remate nascente do Jardim Afonso de Albuquerque, junto ao Palácio de Belém ergue-se o Museu Nacional dos Coches. Uma colecção única num museu único, que já se estabeleceu e integrou nesta zona limite entre a escala do rio, a escala dos espaços e edifícios históricos e representativos, e a escala de habitação corrente da Rua da Junqueira. Este edifício apresenta-se não apenas como um equipamento cultural, mas como um lugar público. Dois edificadoss, um branco e mais encerrado, o outro em vidro e betão aparente, contêm o programa e definem novos espaços exteriores. Uma grande nave destaca-se como área expositiva principal, e uma passagem pública pedestre e ciclável até ao Tejo acabada de inaugurar. A rua prolonga-se, funde-se e interage com o museu.



Pavilhão de Exposições do Instituto Superior de Agronomia

Pedro d'Ávila, 1884

Tapada da Ajuda, 44

Este edifício de ferro e de vidro, inaugurado em 1884 pelo rei D. Luís I, é considerado um dos ex-líbris da tapada. Construído para a III Exposição Agrícola de Lisboa, procurou acompanhar em ambição a arquitectura do ferro a nível nacional, nomeadamente do Palácio de Cristal do Porto (1865) ou a nível internacional, do Palácio de Cristal Hyde Park em Londres (1851) e o Trocadéro de Paris (1878). Ladeando simetricamente o pavilhão, encontram-se dois chalés típicos da época. A nascente a vacaria, com um relógio no tímpano e campanário. A poente a abegoaria, igualmente com um campanário contendo um barómetro, local onde se encontrava o gado equino. Mais tarde, este pavilhão tornou-se conhecido por acolher exposições nacionais de floricultura. Em 1889, é construído o chalé para residência de almoxarife, o qual se tornou posteriormente a residência do director do ISA.



Pestana Palace

Nicola Bigaglia, 1906

/José Ferreira da Costa, 1910

/Manuel Tainha, 2000

Rua Jau, 54

Erguido no alto de Santo Amaro, o Palácio Valle Flôr é um dos mais bonitos edifícios palacianos da Lisboa romântica. O projecto inicial do arquitecto italiano Nicola Bigaglia foi posteriormente entregue ao arquitecto português José Ferreira da Costa, conduzindo a alterações substanciais às quais se acrescentaram detalhes decorativos de Ventura Terra. A decoração do espaço interior do palácio esteve a cargo de Constantino Fernandes, Carlos Reis e Eugénio Cotrim, merecendo destaque as suites no andar nobre, com decoração de influência francesa, oriental e neo-rococó. Após muito anos de abandono, o palácio foi comprado em 1992 para ser transformado numa unidade hoteleira. O projecto do hotel manteve as características originais, restaurando estruturas e elementos originais, e acrescentando à antiga residência Valle Flôr duas novas alas para albergar os quartos. O desenho destas alas submete-se à delicadeza e pequena escala do palácio, propondo uma racionalidade e linearidade contrastante. Este segundo volume relaciona-se com o belíssimo jardim que envolve o palácio.



Planetário Calouste Gulbenkian

Frederico George, 1965

Praça do Império

Este planetário é a materialização do céu em arquitectura. É uma elegante formalização de uma grande cúpula em betão armado sobre um volume horizontal, que conforma a praça entre o Mosteiro dos Jerónimos e o Museu da Marinha. Tal como este último, o projecto é de Frederico George, o que dá ao conjunto uma leitura de continuidade. O Planetário Calouste Gulbenkian foi construído entre 1963 e 1965, e integrado no Museu de Marinha. A importância do planetário, encontra-se no seu papel de explicação e divulgação dos estudos astronómicos à população em geral e na possibilidade de tornar ainda mais popular a Astronomia e continuar o sonho de manter viva a divulgação do conhecimento científico em Portugal. Entre 2004 e 2005, o Planetário sofreu uma extensa recuperação que envolveu um projecto de dinamização, ampliação e renovação em parceria com a Ciência Viva. A 19 de Julho de 2005, o Planetário reabriu ao público com um novo projector principal e um Auditório renovado.

The background of the entire page is a detailed, light-colored map of the Alvalade district in Lisbon, Portugal. The map shows a complex network of streets, including the main thoroughfare, Avenida da Liberdade, and various smaller streets and squares. The map is rendered in a light, almost white color against a darker orange background. The title text is overlaid on this map.

Alvalade / Cidade Univer— sitária



O Plano de Alvalade de Faria da Costa de 1945 é um marco no urbanismo em Portugal. De promoção camarária em terrenos anteriormente expropriados por Duarte Pacheco, é um plano integrado de habitação de renda económica ou limitada, dividido por células equipadas por escolas, mercados, igrejas, e complexos desportivos. A estrutura urbana apresenta-se inovadora, com influências da cidade-jardim, na abertura semi-pública do interior dos quarteirões, e na separação das circulações automóvel e pedonal.

Os edifícios de habitação colectiva, pela primeira vez permitidos pelo regime, apresentam áreas mínimas seguindo lógicas modernas mas na imagem tradicional promovida pelo Estado Novo. A verdade é que a afirmação da arquitectura moderna introduz significativas alterações pontuais durante a implantação do plano, seja com o Bairro das Estacas, sejam com os conjuntos urbanos nos principais cruzamentos com a Avenida

de Roma. Igualmente, nos limites da área do plano, implantam-se grandes conjuntos com relativa autonomia, como o Hospital Júlio de Matos e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil. No entanto, a estrutura urbana sempre se adaptou às transformações com o tempo, mantendo a sua identidade e as qualidades vivenciais até à actualidade.

Do outro lado do Campo Grande, que culmina o plano das Avenidas Novas de Ressano Garcia, desenvolve-se em meados da década de 1950 o plano da Cidade Universitária, que vai com o tempo agregando novas faculdades e tipologias relacionadas com a investigação, bem como os equipamentos necessários ao seu funcionamento. Lugar de ensino por excelência mantém a vitalidade da vida estudantil, agora plenamente integrada na vida da cidade.

Percurso Urbano

Procura-se com esta visita colocar em evidência a diversidade morfológica do bairro de Alvalade e as articulações do respectivo plano, gizado por Faria da Costa no final da década de 1940, nomeadamente com a Cidade Universitária. O itinerário proposto propõe a dissecação de um troço urbano que colocará em evidência alguns momentos singulares clarificadores da aproximação do pensamento arquitectónico às premissas do movimento moderno. O percurso é delimitado entre o racionalismo monumental da reitoria da Universidade de Lisboa, projectada por Pardal Monteiro na década de 1950, e a serenidade humanista do Liceu Padre António Vieira, projectado por Ruy d’Athouguia na década seguinte. O corpo central da visita, corresponderá ao debate dialéctico entre as tipologias habitacionais projectadas por Jacobetty Rosa (célula 1 e 2) em contraponto com as experiências de Fernando Silva (célula 3) ou Jorge Segurado (conjunto Montepio). Será ainda abordado o impacto da presença da primeira geração de arquitectos paisagistas na sedimentação do plano de Alvalade.

Especialista

— Paulo Tormenta Pinto



Biblioteca Nacional de Portugal

Porfírio Pardal Monteiro, 1969

Campo Grande, 83

Aqui se reúne, se protege e se disponibiliza todo o conhecimento produzido em território português desde 1796, ano em que foi fundada a Real Biblioteca Pública da Corte. Localizada no lado poente do jardim do Campo Grande desde 1969, devido à exiguidade do Convento de São Francisco, onde se encontrava anteriormente. Virada para o principal eixo da cidade de Lisboa e junto à Cidade Universitária, a BNP apresenta-se como um serviço nacional de relevo, com autoria de Porfírio Pardal Monteiro e de grande modernidade para a época. O conjunto tem uma área de construção de cerca de 60 mil metros quadrados e uma Torre de Depósitos, com 13 pisos, feita de betão armado e dotada de monta-livros assim como de instalação pneumática para recepção de requisições. Foi objecto de ampliação e remodelação da torre de depósitos de livros entre 2008 e 2012. Destaca-se a sua funcionalidade, ainda hoje actual, a escala e luz dos seus espaços, e o design de interiores das principais áreas públicas, da autoria de Daciano da Costa. A visita inclui os espaços públicos mas também, e principalmente, os espaços não visíveis como por exemplo de acervo ou conservação.



Caleidoscópio

Nuno San Payo, 1971

/PLCO Arquitectos, 2016

Jardim do Campo Grande, Norte

Situado numa zona central junto ao lago do jardim, este edifício projectado em 1971 por Nuno San Payo integra um painel de cerâmica em relevo da autoria de Maria Emília Silva Araújo. Era inicialmente um posto de recepção de turistas, com salas de refeições, uma delas com palco para espectáculos, bar, lojas de produtos artesanais, e áreas de serviço. Em 1974, sofreu uma profunda alteração programática e de organização interna, projecto também da autoria de San Payo, que compreendeu a redução a uma sala de refeição e a transformação dos restantes espaços, na sala de cinema “o Caleidoscópio”, e no “Centro Comercial Caleidoscópio” e respectivas áreas de apoio. O recente projecto de reabilitação é da autoria de Pedro Lagrifa Oliveira, tendo sido Menção Honrosa do Prémio Valmor no ano da sua inauguração, em 2016. A requalificação do edifício repõe as suas características originais, retirando das fachadas e da cobertura os elementos que o descaracterizaram ao longo dos anos. Foi igualmente realizada uma reorganização espacial no interior para zona comercial e académica, dando lugar ao Centro de Estudos da Universidade de Lisboa.



Cantina da Cidade Universitária

Manuel Norberto Correa e Rafael Miranda, 1959

Avenida Prof. Gama Pinto

Um dos pontos nevrálgicos da organização social e funcional da Cidade Universitária é, claro está, a cantina, lugar onde todos se encontram vindos de diferentes pólos. É esta festa do encontro que se nota no desenho arrojado da estrutura visualmente saliente em pilares, arcos e cobertura circular, que faz o tecto altíssimo do espaço interior. Também os materiais contribuem para esta festa, com o paramento composto por blocos vazados de betão. Hoje conhecida como Cantina Velha, esta é composta por dois corpos em L invertido. Toda a sua forma é cidade. Um dos extremos faz frente à rua das universidades formando um largo com uma grande escadaria de entrada, enquanto a reentrância desenha um jardim mais privado com esplanada. O interior com amplo vestíbulo de acesso à área das refeições, composta por amplo espaço com tecto abobadado, sustentado por contrafortes e pilares. Toda a decoração interior é desenhada pelos arquitectos e possui obras de arte de Domingos Soares Branco, Jorge Vieira, Rolando Sá Nogueira, Teresa Sousa, e Vasco da Conceição.



Casa no Bairro das Estacas

Ruy d'Athouguia e Sebastião Formosinho Sanches, 1952
/Atelier Rua, 2014

Rua Pedro Ivo, 1

Este bairro é considerado uma referência no movimento moderno do nosso país. Propõe blocos de habitação sobrelevados para permitir a estância e circulação comum nas zonas verdes a ocupar todo o piso de rua e a partir do qual se acede aos blocos de apartamentos. Esta intervenção tem como base a reabilitação integral de um apartamento, adaptando-o a uma forma de habitar actual e voltando a relacionar o espaço interior com os jardins que caracterizam o plano urbano deste bairro, através da reposição das varandas originais. O pavimento em taco de madeira, tanto na cozinha como nas casas de banho, unifica o espaço e proporciona uma imagem contínua à habitação. A zona dos quartos é marcada e organizada através de um novo corpo, um armário de grandes dimensões, que equipa e estrutura os vários espaços da habitação criando assim uma grande área de arrumos (ponto fundamental do programa).



Complexo dos Coruchéus — Galeria Quadrum

Fernando Peres Guimarães, 1971

Rua Alberto Oliveira

Junto ao Palácio dos Coruchéus, este complexo foi construído pelo município e pensado como “o primeiro conjunto de ateliers, na cidade, para protecção e incitamento a artistas plásticos”. Actualmente, sob a direcção da EGEAC, o Complexo dos Coruchéus integra uma zona administrativa, a galeria Quadrum, um conjunto de 50 ateliers para artistas, e outros espaços de uso público. Baseado numa estrutura modular repetitiva, a arquitectura dos espaços dos ateliers revela um cuidado muito particular no controle da luz natural. Em 2010, após obras de manutenção, a CML lançou um concurso para os espaços livres, inaugurando nessa altura uma escultura de José Pedro Croft no jardim. Por ali passaram, e trabalham actualmente, um conjunto de artistas de grande relevância do nosso país.



Do Fundo dos Mares ao Céu da Boca

Bernardo Rodrigues, 2018 (reab.)

Avenida do Brasil, 124

A experiência contemporânea da comida é o novo sagrado. Em tempos cobriam-se tectos e talhas com o ouro do Brasil, agora trata-se o peixe como se pudesse compreender o mais profundo do desígnio humano, com a atenção de um cirurgião, de uma viagem no espaço sideral. Latão de várias espessuras em chapa e folha compõe mesas, balcão, paredes, candeeiros e tectos deste restaurante. O azul das cadeiras, banco corrido, e casa de banho não é o ultramarino, nem o do artista Yves Klein, muito menos o dos azulejos que completavam a talha dourada. Este novo restaurante lisboeta alarga a internacionalização da restauração à Lisboa habitacional de Alvalade, trazendo o lado gourmet a uma área mais funcional da cidade.



Escola Secundária Padre António Vieira

Ruy d'Athouguia, 1965
/Teresa Nunes da Ponte, 2009

Rua Marquês Soveral

O liceu situa-se na franja do bairro de Alvalade e foi concebido em 1959 para uma população escolar masculina. A sua implantação faz-se sobre um terreno irregular, através do contraste volumétrico. A configuração em H permitiu concentrar os serviços e os acessos às diversas áreas do corpo central. Na ala sul situam-se as salas de aula. A morfologia exterior é marcada pela alternância entre o tijolo e os elementos estruturais de betão, e pela elevação sobre pilares do piso térreo. As três propostas escolares deste arquitecto para Alvalade, do início da década de 1950, têm soluções de carácter modernizante e procuram aplicar os princípios básicos da Carta de Atenas, na criação de zonas verdes, intimistas, e de estreita ligação entre o exterior e o interior. No âmbito do Programa de Modernização das Escolas de Ensino Secundário da Parque Escolar, o projecto prevê o restauro do existente, a construção de três novos blocos, e a cobertura de um campo de jogos. As novas construções integram-se no respeito pelo existente, preservando a imagem original.



Faculdade de Psicologia e Instituto de Educação

Manuel Tainha, 1990

Alameda da Universidade de Lisboa

Esta faculdade faz parte da extensão da Universidade de Lisboa na Cidade Universitária feita no final dos anos 80, princípio dos 90 do século XX. Alinhada na Alameda das Universidades, pauta-se pela horizontalidade e pelo exterior sóbrio com inserção de fileiras ritmadas de janelas. Foi pensada de forma a permitir futuras ampliações e previu-se a divisão nos dois sectores de actividades a que se destina. A planta articula dois corpos em torno de pátios que se assemelham a claustros, com passeios laterais em arcadas para encontro dos estudantes. Há duas entradas, sendo actualmente utilizada a da fachada Sul, sobre a Alameda da Universidade. Apesar de incorporado na envolvente, demarca-se dos restantes edifícios inseridos no local, tendo recebido o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura em 1991.



Hospital Júlio de Matos

Carlos Chambers Ramos e Leonel Gaia, 1942

Avenida do Brasil, 53

As primeiras plantas do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (CHPL) datam de 1913, sendo da autoria do professor Júlio de Matos, do engenheiro Luiz de Melo e do arquitecto Leonel Gaia. A sua construção demoraria três décadas a estar concluída, sendo 1933 o ano do alargamento da zona a construir e da contratação do arquitecto Carlos Chambers Ramos e do engenheiro Leote Tavares, que trabalhariam para a conclusão da obra. É entre 1942 e 1943 que se concretizará o projecto de enquadramento paisagístico e arruamentos, da autoria do paisagista Francisco Caldeira Cabral e do botânico e silvicultor Mário de Azevedo Gomes. Os equipamentos finais tiveram ainda o contributo do arquitecto Raul Lino. O hospital é resultado da doação em testamento do terreno, por António Higinio Salgado de Araújo, que sensibilizado por Júlio de Matos durante a sua estadia no Hospital Miguel Bombarda, resolveu contribuir para a realização das condições necessárias para um hospital moderno. Aqui se realizaram algumas cirurgias de lobotomia pré-frontal no seguimento do trabalho do Nobel professor Egas Moniz. O hospital é um projecto muito ambicioso no sentido do melhoramento das condições da medicina psiquiátrica em Portugal.



LNEC — Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Vários autores, 1952

Avenida do Brasil, 101

Inaugurado em 1952, o Campus do LNEC estende-se ao longo de 22 hectares, desde a Avenida do Brasil até à 2ª Circular. O Edifício Arantes e Oliveira (1952) é da autoria de Pardal Monteiro e apresenta um monumentalismo sóbrio numa tecnologia avançada em betão e alvenaria. O Edifício Calouste Gulbenkian (1962) é da autoria de Januário Godinho e João Andersen e é composto por 3 volumes de forte relação entre eles e com o exterior. O Edifício do Centro de Convívio (1966) é igualmente da autoria de Godinho e Andersen, e tem alojamento para investigadores estrangeiros e serviço de refeições. O Edifício Manuel Rocha (1972) de Manuel Norberto Corrêa e José Gabriel Pinto Coelho abarca a área de congressos, reuniões e exposições e possui mobiliário de Daciano da Costa. Os jardins, da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles e Fernão Vaz Pinto, e todo o conjunto mantêm em grande medida as características originais. Em 2012, o campus do LNEC foi classificado como Monumento de Interesse Público.



Reitoria da Universidade de Lisboa

Porfírio Pardal Monteiro e António Pardal Monteiro, 1961

Alameda da Universidade de Lisboa, Cidade Universitária

Em 1956, depois de várias propostas, Porfírio Pardal Monteiro entrega os desenhos finais para uma área universitária na cidade mas falecendo pouco tempo depois, será António Pardal Monteiro a finalizar o projecto do seu pai. O edifício inaugura em 1961 e inclui as instalações do reitor, os serviços, bem como a conhecida sala da Aula Magna para 1597 lugares, a maior na altura na capital. Daciano da Costa desenha os interiores, sendo esta uma das suas primeiras obras de grande relevo, antes da Biblioteca Nacional ou da Fundação Calouste Gulbenkian. O conjunto encerra a Alameda das Universidades e incorpora elementos de inspiração clássica como o pórtico de colunatas ou o desenho verticalizado das fachadas. Para sublinhar o desígnio de “casa do Saber” foram integradas obras de arte referentes ao espírito de glorificação da sede da Universidade que incluem painéis de Almada Negreiros e Querubim Lapa, tapeçaria de Rogério Ribeiro, mosaicos de António Lino, vitrais de Lino António e decorações de José Farinha, entre outras obras de arte que completam o desenho de arquitectura.



SAAL — Bairro das Fonsecas e Calçada

Raul Hestnes Ferreira, 1977

Rua D. Luís da Cunha

O bairro Fonseca e Calçada é um dos exemplos da intervenção em Lisboa do programa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), um dos programas de habitação e realojamento mais relevantes no nosso país. Na capital, estas intervenções situam-se em zonas periféricas ao centro, junto a bairros precários e clandestinos. Recentemente chegado dos EUA, onde tinha trabalhado directamente com o conhecido arquitecto Louis Kahn, Raul Hestnes Ferreira propôs, na linha do que ali apreendeu, uma disposição de malha urbana de grandes dimensões baseada numa geometria simples e compreensível. O conjunto apresenta-se numa sucessão de quarteirões quadrangulares que encerram pátios mais ou menos públicos. Do plano inicial de finais dos anos 1960, foram apenas realizados os edifícios a norte sob a alçada do programa SAAL em 1977. A proposta apresenta uma riqueza de espaços de circulação pública em galerias, escadas e pátios. A repetição de alas, pórticos e vãos, confere uma certa monumentalidade ao conjunto, que o seu mestre norte-americano e outros arquitectos italianos como Aldo Rossi, vinham a testar há pelo menos uma década.



Teatro Thalia

Fortunato Lodi, 1842

/Gonçalo Byrne e Barbas Lopes Arquitectos, 2012

Estrada das Laranjeiras, 211

Construído inicialmente em 1825, este teatro integra o conjunto da Quinta das Laranjeiras, que até ao início do século XX se situava nos arredores de Lisboa e funcionava como casa de campo da família Quintela. O Palácio das Laranjeiras ganha popularidade com as festas no salão de baile dos espelhos e pelo seu pequeno teatro para 560 espectadores, mandado construir pelo Conde de Farrobo. O “Theatro das Laranjeiras”, apesar da sua pequena dimensão, foi um dos principais teatros lisboetas do século XIX. Fortunato Lodi desenha, em 1842, a fachada que hoje conhecemos. Desenha igualmente duas galerias para que o teatro pudesse comportar cerca de seiscentos espectadores. Em 1862, é devastado por um incêndio que o deixa em ruína e ao abandono. Gonçalo Byrne e Barbas Lopes devolvem-lhe a vida e significado. O teatro apresenta essencialmente três fases distinguidas pela forma, materialidade e função: a primeira, um volume alto revestido por fora em betão ocre e pelo interior a pedra original que a ruína revelou; a segunda, o antigo átrio de Lodi na sua forma e pedra delicadamente trabalhada; e finalmente a terceira, o novo volume em matéria tecnológica e forma mais flexível que agarra uma nova entrada.



Torre do Tombo

Arsénio Cordeiro, 1990

Alameda da Universidade de Lisboa

Este arquivo teve origem no Castelo de São Jorge, numa torre com este mesmo nome e que se mantém até hoje. Actualmente, junto ao grande centro de investigação que é a Cidade Universitária de Lisboa, o Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT) ocupa uma área de 54.900 metros quadrados divididos em três áreas principais: arquivo e investigação, actividades culturais, e serviços administrativos. Popularmente referido apenas como Torre do Tombo, é uma unidade orgânica nuclear da Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas que se constitui como arquivo central do Estado Português desde a Idade Média, tendo os seus primeiros Guarda-Mores sido, também, Cronistas-Mores do Reino. Com mais de 600 anos, é uma das mais antigas instituições portuguesas ainda activas. O edifício foi classificado, em 2012, como Monumento de Interesse Público.

An aerial photograph of the Olivais Chelas district in Lisbon, Portugal, overlaid with a semi-transparent purple vertical rectangle. The map shows a dense urban grid with various building footprints, streets, and green spaces. The purple rectangle highlights a specific area in the center of the district.

Olivais Chelas

Nos terrenos expropriados por Duarte Pacheco, os Planos de Olivais Norte, Olivais Sul, e Chelas foram um laboratório em tempo real das ideias da cidade moderna de natureza social, no momento de expansão desqualificada da área metropolitana de Lisboa. Afastando-se da estrutura de quarteirões da cidade tradicional, promovem-se experiências de edifícios isolados de diferentes tipologias, segundo os modelos da unidade de vizinhança, que se implantam num parque mais ou menos contínuo.

Se nos Olivais Norte, os edifícios se distribuem como objectos autónomos, como proposto na célebre Carta de Atenas, nos Olivais Sul, de maior dimensão, assiste-se a uma tentativa dos edifícios desenharem o espaço público, hierarquizando-o abertamente, em linha com as experiências modernas das *New Towns* inglesas.

Logo de seguida, Chelas representa nova reorientação estratégica nos modelos urbanos, assumindo uma relação mais estruturante entre o edificado, e as vias e espaços públicos, de

influência internacional das megaestruturas e de reavaliação dos modelos tradicionais. Nos Olivais e em Chelas habita-se de outra forma a cidade, numa relativa separação entre o habitar e as funções urbanas complementares de ensino, de lazer, e comerciais. Se os Olivais mantiveram ao longo do tempo uma estabilidade na adaptação dos modos vivenciais actuais, Chelas foi praticamente desde o início alvo de estigmatização, pelos problemas sociais e de segregação que aí se foram manifestando. Hoje, fruto dos novos equipamentos entretanto construídos e do trabalho das associações locais, estas comunidades vão renascendo, tornando-se mais coesas e integradoras, potenciando um novo olhar sobre as promessas arquitectónicas e urbanas anteriormente incumpridas.

Percurso Urbano

De iniciativa pública e implantado em terrenos com pouca construção pré-existente, o bairro de Olivais Sul é influenciado pela primeira geração de *New Towns*. O plano distingue-se pela estrutura celular, pela valorização do espaço livre verde e pela liberdade que permitiu aos projectos de arquitectura. Construído numa época em que os princípios racionalistas da arquitectura moderna apenas recentemente se aplicavam sem restrições em Portugal mas eram já postos em causa na Europa, o bairro apresenta uma notável variedade nas soluções das unidades de habitação colectiva, tanto no desenho arquitectónico como urbano. A visita propõe um percurso a pé que possibilite a comparação de algumas destas experiências.

Especialista
– Tiago Oliveira



Atelier Fernanda Fragateiro

José Daniel Santa-Rita, 1974

Rua Cidade de Lobito, Atelier Municipal 1

Situado num bairro de expansão moderna de Lisboa, de cariz mais habitacional, o atelier da artista Fernanda Fragateiro integra o conjunto dos Ateliers Municipais, nos Olivais Sul. O espaço faz parte de um conjunto de quatro ateliers estruturalmente iguais e geminados, património da CML. São projectados no início dos anos 1970 para incentivar a produção artística na cidade. Estes microcosmos criativos promovem a proximidade entre os vários artistas incentivando o trabalho, criatividade, e maior divulgação. O espaço desenvolve-se parcialmente em cave, como resposta à necessidade de um pé direito alto, e faz a sua grande abertura a norte promovendo a entrada de luz ideal para a zona de trabalho. Neste núcleo desenvolvem-se os ateliers mais amplos, com 8 metros de pé-direito, com escritório, e pátio.



Blocos Habitacionais — Célula C

Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas, 1963

Rua Cidade de Carmona

O bairro dos Olivais nasce sob a influência da Carta de Atenas, um documento dos anos 1930, que prevê a cidade do futuro. Nesta zona de quintas, onde já existia o bairro da Encarnação e um pequeno núcleo urbano, surge, em pouco mais de duas décadas esta nova cidade “para todos”, ricos e pobres. Os Blocos Habitacionais Célula C, Olivais Sul, conseguiram desenvolver uma malha urbana muito positivamente marcada por espaços de convívio e aspectos de integração topográfica e paisagística. Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas desenham soluções com galerias exteriores comuns, articulações de diferentes tipologias e a recuperação da rua ladeada de prédios e a implantação das torres enquadradas na malha urbana, em vez de isoladas no verde. A solução de execução mista em betão armado e tijolo à vista em objectos de variações volumétricas conferem-lhe variedade e qualidade visual que até hoje, passados 50 anos, são visíveis no conjunto.



Conjunto Habitacional Cinco Dedos

Vitor Figueiredo, 1975

Rua Adões Bermudes

O plano de Chelas (1965) tem a expectativa de resolução dos problemas detectados no plano dos Olivais, procurando criar zonas lineares de vida urbana intensa estabelecendo um maior paralelismo entre estas zonas e a habitação. A habitação colectiva Cinco Dedos não cede à imagem banal dos blocos perpendiculares às vias, característicos do urbanismo baseado na Carta de Atenas. O conjunto é composto pela repetição em leque de um edifício alto e estreito, de nove pisos, de acessos por galerias, formando os “cinco dedos”. Vitor Figueiredo defende a ideia de que “toda a habitação é social” e, talvez seja este o motivo para a monumentalidade que propõe, que funciona como forma de dignificar o programa destinado a populações em processo de realojamento. Os blocos são colocados seguindo a topografia do terreno, mas a sua repetição acentua a unidade formal e desenha um espaço comum resultante da organização radial, procurando dotar o conjunto de vida urbana comum. A partir da galeria, existe, na entrada de cada apartamento, um espaço recolhido de modo a privatizar os espaços do habitar.



Conjunto Habitacional Pantera Cor-de-Rosa

Gonçalo Byrne Arquitectos e António Reis Cabrita, 1972

Rua Norte Júnior

Os estudos para a área de Chelas são iniciados em 1960, no GTH (Gabinete Técnico da Habitação da CML), coordenados pelo arquitecto Rafael Botelho e têm como principal objectivo desenvolver uma estrutura urbana diversificada na zona ribeirinha até Vila Franca de Xira. Para a chamada Pantera Cor-de-Rosa, Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita inspiraram-se directamente em Gallarate, complexo habitacional de Aldo Rossi na periferia de Milão, que propõe um monumento à habitação colectiva. Os arquitectos propõem confrontar a grande dimensão do vale com um ambiente mais habitável. Neste sentido, propuseram um sistema de quarteirões composto por edifícios em banda (paralelos e perpendiculares) delimitando uma rua interior e uma praça. O conjunto é unificado através de uma pele pintada a cor-de-rosa, mas igualmente através de uma rede de ruas em galeria e pontes que instituem uma circulação superior à do automóvel. A grande escala do conjunto contrasta com a pequena dos recantos das circulações e das habitações.



Escola Secundária D. Dinis

JCETS-MOP, 1972

/Bak Gordon Arquitectos, 2008

Rua Manuel Teixeira Gomes, 66

Esta foi uma das escolas piloto no programa da Parque Escolar. Localizada na zona oriental de Lisboa, entre os bairros de Chelas e dos Olivais Sul, foi durante alguns anos a única escola secundária desta zona da cidade. Originalmente, era constituída por uma série de pavilhões dispersos no terreno e ligados entre si por percursos exteriores cobertos. A origem desta solução dos anos 1970, prende-se com a necessidade de produção em série de unidades escolares, encontrando um modelo passível de se repetir em diferentes regiões e topografias. A nova solução propõe um edifício central de serviços e usos comuns que agrega as pessoas ao mesmo tempo que se serpenteia para agregar os vários pavilhões dispersos.



Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição

Pedro Vieira de Almeida, 1988

Rua Cidade de João Belo

Ao contrário das igrejas mais tradicionais, esta igreja nos Olivais Sul não tem localização privilegiada no contexto moderno da envolvente. O grande volume encaixado na encosta remete para um edifício industrial devido à sua escala e à utilização do betão à vista. A sua presença é introvertida. No exterior, a sua entrada discreta sem ornamentação é assinalada apenas por uma cruz e, no interior, os espaços vivem da luz, apesar de não se relacionarem directamente com a rua. À entrada, uma ampla escadaria conduz ao segundo piso onde está o grande salão de culto que alberga o altar ao centro. O piso distribui-se segundo diferentes módulos que marcam os espaços de circulação e de permanência. Como espaços de permanência salientam-se os dois pátios que iluminam o espaço interior, a par das clarabóias sobre os percursos no salão de culto, terminando numa parede em tijolo de vidro que filtra a passagem de luz.



Torre nos Olivais Norte

António Pinto Freitas, Nuno Portas, e Nuno Teotónio Pereira, 1958

Rua General Silva Freire, 55

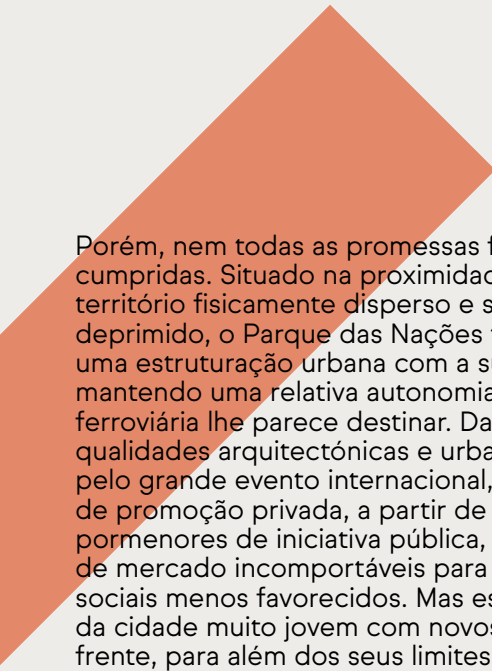
A importância deste edifício revela-se quando recebe o Prémio Valmor em 1968, pela primeira vez atribuído a uma obra de carácter social. O urbanismo dos Olivais Norte promoveu a organização de grandes blocos “soltos” num verde quase natural, bem como a qualidade do projecto dos espaços exteriores, de Ponce Dentinho. A ideia era de que a grande dimensão de zonas verdes residenciais permitisse dispor os edifícios em total relação com o movimento aparente do Sol, integrando os vários tipos de tráfego (peões e veículos) e, provavelmente a mais importante, a promoção da integração harmonizada de diversos grupos sociais. As torres constituem um exemplo de aliança entre riqueza formal e conjugação de arte na arquitectura e no espaço. A integração pormenorizada e paisagística, promove a convivialidade e a representatividade nos espaços comuns e, além disso, os espaços domésticos são orgânicos e adaptáveis. A ideia era dar uma certa dignidade ao ambiente das construções económicas, quer pela largueza dos espaços de acesso, quer pelo tratamento artístico.



The background is a detailed architectural drawing of a city grid, showing building footprints, streets, and a central circular plaza. A large, semi-transparent diamond shape is overlaid on the drawing, with a red-to-purple gradient. The text 'Parque das Nações' is written in a white, serif font across the center of the diamond.

Parque das Nações

Nova área urbana de Lisboa que emergiu a partir de condições absolutamente excepcionais. A realização da exposição mundial de Lisboa, denominada Expo 98, deu a possibilidade de promover um plano de um novo pólo urbano que potenciase o desenvolvimento da zona oriental da cidade. Em território de antigas infra-estruturas industriais e portuárias, imaginou-se uma nova zona da cidade, que assimilaria uma grande área de espaços públicos e uma quantidade significativa dos equipamentos culturais construídos para a exposição, bem como um impressionante interface de transportes e mesmo uma nova ponte sobre o Tejo. Apesar das dúvidas iniciais da exequibilidade deste ambicioso projecto, a verdade é que a cidade ganharia um novo conjunto urbano com uma identidade própria. Esta é a cidade do espaço público, aberta e inclusiva, bem fornecida de áreas comerciais, culturais e de lazer. Apesar das suas torres e arquitectura *high-tech*, o Parque das Nações apresenta uma estrutura urbana racional e reconhecível.



Porém, nem todas as promessas foram já cumpridas. Situado na proximidade de um território fisicamente disperso e socialmente deprimido, o Parque das Nações tarda em criar uma estruturação urbana com a sua envolvente, mantendo uma relativa autonomia, que a linha ferroviária lhe parece destinar. Dadas as suas qualidades arquitectónicas e urbanas legadas pelo grande evento internacional, a habitação de promoção privada, a partir de planos de pormenores de iniciativa pública, atinge valores de mercado incomportáveis para os extractos sociais menos favorecidos. Mas esta é uma área da cidade muito jovem com novos desafios pela frente, para além dos seus limites existentes.

Percurso Urbano

Este jovem bairro da cidade foi concebido para, inicialmente, acolher a Exposição Mundial de Lisboa 1998, deixando assim um legado urbano para o futuro, no local onde havia uma lixeira e unidades industriais decadentes junto ao Mar da Palha. Tornou-se num novo centro com escritórios, habitações e importantes equipamentos, e exemplo, para o País, de cidade com generosos espaços públicos e edifícios emblemáticos. A visita far-se-á em percurso de modo a compreender o todo, bem como certos elementos mais significativos, quer edifícios excepcionais ou mais correntes na sua programação, quer ruas, praças, ou jardins.

Especialista
— Michel Toussaint



Complexo Oriente

Promontório, 2004

Alameda dos Oceanos, 39

Este é um conjunto habitacional localizado no Parque das Nações, que resulta da fusão num único lote de duas cooperativas de habitação e diferentes programas para residência, escritórios, e lojas. Situado inicialmente no centro nevrálgico do recinto da Expo 98, o local fica na Alameda dos Oceanos, junto ao pavilhão português de Álvaro Siza, e ao Museu da Ciência de Carrilho da Graça. Primeiro ocupado com pavilhões temáticos, o lote deste complexo foi igualmente pensado para posterior quarteirão misto de cidade consolidada, situação que hoje ocupa. Pensado para formular espaços de mediação entre o público e o privado, o bloco de alojamento é definido como um volume que gera um pátio semifechado permitindo o acesso público aos apartamentos. Na área de escritórios, com forma de U, desenha-se uma grande praça pública. Os escritórios, restaurantes, e cafetarias geram um fluxo constante de movimento público.



Gare do Oriente

Santiago Calatrava, 1998

Avenida D. João II

Construída em 1998, esta gare também designada por GIL (Gare Intermodal de Lisboa), foi uma obra fundamental para o acesso à Exposição Mundial de Lisboa. Este interface que integra os transportes ferroviários de longo curso e suburbanos, a linha do Metro e um terminal rodoviário para transportes públicos, está associado a uma das entradas da Expo 98. O arquitecto definiu-a como “(...) uma gare com vocação humana, muito orgânica (...)” e esta ideia é visível desde as estruturas fundadoras que desenham praças, à plataforma superior da gare ferroviária formada por uma estrutura de elementos metálicos semelhante a uma floresta. No interior pretende ser um edifício aberto, visível por todos os lados, de forma a facilitar uma ligação mais directa dos passageiros com o rio.



Pavilhão de Portugal

Álvaro Siza, 1998

Alameda dos Oceanos

Projectado para acolher a representação portuguesa na Expo 98, o edifício foi pensado como um amplo espaço público ribeirinho. Imediatamente identificado pela elegância da sua cobertura com uma enorme lâmina curva em betão armado, apresenta dois corpos: a Praça Cerimonial, uma ampla área coberta, e um edifício de dois pisos e cave, estruturado em função de um pátio interior. Numa associação visual entre a terra e a água, a escala monumental do pavilhão remete a uma conjugação entre o traçado histórico e as linhas leves da modernidade. Álvaro Siza chegou a completar o projecto de adaptação para a sede do Conselho de Ministros, obra que nunca viria a ser realizada. Desde então, o edifício permanece por acabar e o seu destino indefinido. É Prémio Valmor em 1998, ex-aequo com o Pavilhão do Conhecimento, na mesma área.



Pavilhão do Conhecimento — Ciência Viva

Carrilho da Graça Arquitectos, 1999

Largo José Mariano Gago, 1

De início construído como Pavilhão do Conhecimento dos Mares para a Expo 98, este edifício é hoje parte integrante da Rede Nacional de Centros Ciência Viva, que conta com 20 centros de ciência distribuídos por todo o território nacional. Foi um dos pavilhões mais visitados da Exposição Mundial, e é hoje um dos poucos que mantém essa função expositiva. Foi desenhado à semelhança de um navio, em betão branco e com um espaço interior de exposição em dois pisos e um grande volume vertical, que recorda a ponte de um barco. À entrada, desenha-se uma suave rampa que confere a institucionalidade ao edifício, enquanto a madeira dos tectos exteriores lhe reconhece a manualidade da construção naval. É Prémio Valmor em 1998, ex-aequo com o Pavilhão de Portugal, na mesma área, e é prémio FAD 1999.



Sede da Vodafone

Alexandre Burmester, 2002

Avenida D. João II, Lote 1.04.01

Como novo centro habitacional, de serviços e cultural, o Parque das Nações atraiu igualmente as sedes de muitas empresas, tornando-se um pólo empresarial de relevo da cidade. O edifício Sede da Vodafone Portugal é um marco na arquitectura empresarial. Foi lançado um concurso inicial, *modus operandi* muito utilizado nas obras públicas mas que parcialmente explica a relevância desta obra e a alteração da estrutura da encomenda em Portugal. A proposta estabelece formas simples e fortes capazes de comunicar imagetivamente mas também propõe espaços cuja interligação e sentido permitem a comunicação de um modo sensorialmente activo. O edifício joga com as transparências e com fronteiras poucos visíveis entre os seus espaços públicos e privados. É constituído por dois grandes paralelepípedos que formam uma praça semipública no meio e que são unidos por uma ponte/edifício com 53 metros de vão, que recebe a parte da administração. A entrada é uma parede/viga em betão branco que estrutura parcialmente o edifício. É Prémio Valmor em 2005.

- 15 Fundação José Saramago
16 Laura Castro Caldas e Paulo Cintra
17 FG+SG
18 José Frade
19 José Manuel Rodrigues
20 Nelson Garrido
21 Rita Burmester
22 Metropolitano de Lisboa, EPE
27 Amoreiras 360° Panoramic View
28 António Sardo
29 Luisa Ferreira
30 Pedro Sadio
31 FG+SG
32 Nelson Garrido
33 José Vicente
34 INCM
35 Hugo David
36 DMF
37 Alípio Padilha
38 Time Out Market
43 INCM
44 Blue Office
45 FG+SG
46 João Miguel Oliveira
47 Paulo Catrica
48 Fundação Calouste Gulbenkian
49 Pedro Sadio
50 Rui Cavaleiro
51 DGAJ
57 Hugo Santos Silva
58 FG+SG
59 Rui Pinheiro
60 Débora Rodrigues, IST
61 Jerusa Costa
67 Câmara Municipal de Lisboa
68 RPBW CPU
69 Valter Vinagre
70 Arquivo Manutenção Militar
71 Marcelo Dantas
72 Nelson d'Aires
73 JQTS
74 Bruno Lopes
75 Diana Quintela
81 RGFA
82 Maria Costa
83 Nuno Almendra
84 Daniel Malhão
85 Vasco Duque
86 Embaixada da Noruega
87 Laura Castro Caldas e Paulo Cintra
88 Rosa Reis
89 FG+SG
90 Francisco Nogueira
91 FG+SG
92 Museu de Marinha
93 Consórcio PMBP
94 Trienal de Lisboa
95 Pedro Sampayo Ribeiro
96 Planetário Calouste Gulbenkian
97 Duarte Belo
102 PLCO
103 Universidade de Lisboa
104 Miguel Manso
105 José Frade
106 Edu Sushi
107 João Morgado
108 FPIE
109 Hospital Júlio de Matos
110 LNEC
111 Reitoria da Universidade de Lisboa
112 Hugo David
113 DMF
114 Stella Perdigão
119 Leonardo Paella
120 Pedro Sadio
121 Hugo David
122 Daniel Malhão
123 Leonardo Finotti
124 Pedro Sadio
125 Hugo David
131 Leonardo Finotti
132 Arquivo Infraestruturas de Portugal
133 Universidade de Lisboa
134 Ciência Viva
135 Vodafone Portugal

Agradecimentos

Um MUITO OBRIGADO

Aos proprietários, anfitriões e todos os seus representantes por acederem abrir as portas dos seus espaços. A todas as entidades, parceiros e patrocinadores pelo apoio absoluto, essencial para o êxito deste evento. À extraordinária e incansável equipa de voluntários que oferece o seu tempo para tornar esta experiência única. Aos guias, orientadores e formadores de voluntários cujo contributo se traduz na qualidade das visitas. Ao grupo de especialistas que oferecem uma análise mais aprofundada a cada espaço. Nomeadamente a todos os agentes que estiveram envolvidos no programa de acessibilidade. Esta iniciativa realiza-se graças à colaboração deste conjunto de pessoas. E obrigado a si, por participar neste evento tornando-o um sucesso.

Notas

TRIENAL DE ARQUITECTURA DE LISBOA

Direcção

José Mateus, Presidente
Nuno Sampaio, Vice-Presidente
José Manuel dos Santos, Vogal
Maria Dalila Rodrigues, Vogal
Pedro Araújo e Sá, Vogal

Director Executivo Adjunto

Manuel Henriques

Assistente de Direcção

Helena Soares

Produção

Isabel Antunes (coordenação)
Carolina Vicente
Tiago Pombal

Comunicação e Imprensa

Sara Battesti (coordenação)
Cláudia Duarte (imprensa)
Raquel Guerreiro (design gráfico)
Susana Pomba (editora)

Financiamento e Parcerias

Joana Salvado
Joanna Hecker

Trienal de Arquitectura de Lisboa
Campo de Santa Clara, 142–145
1100–474 Lisboa, Portugal

+ 351 213 467 194
www.trienaldelisboa.com

facebook.com/trienaldelisboa
twitter.com/trienaldelisboa
instagram.com/trienaldelisboa

OPEN HOUSE LISBOA 2018

Comissariado

Luís Santiago Baptista
Maria Rita Pais

Textos zonas e espaços

O comissariado

Coordenação OHLisboa

Carolina Vicente

Produção

Beatriz Caetano Bento

Programa Educativo e Voluntariado

Filipa Tomaz (coordenação)

Joana Martins

Coordenação de Zona

Ana Rita Valente
André Rosa
Beatriz Couto
Catarina Batalha
Eduardo Barreira
Raquel Nunes
Rita Mota
Romeu Zagalo
Marcelo Ribeiro (acessibilidade)

Tutoria de Zona

Ana Cláudia Brás
Ester Donninelli
Inês Inácio

Inês Martins
Inês Soares
Luís Fernandes
Margarida Borges
Tao Chen

Consultoria Acessibilidade

Locus Acesso

Design de Comunicação

Studio AH-HA

Parceiros Estratégicos



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

fundação *edp*

Estrutura Financiada por



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

Parceiros Institucionais



F. de S.
FUNDAÇÃO
SERRA HENRIQUES



Infraestruturas
de Portugal

Parceiros Media



CRN LISBOA PT
OUTRO
TEL: 2130



CISION

CONSTRUIR



Parceiros Audiovisuais

U N T O L D

DIZPLAY
S O U N D L A B

Integrado na Iniciativa

Part of the
OpenHouse
Worldwide Family
openhouseworldwide.org

Apoios

Docomomo Portugal
FG+SG, fotografia
de arquitectura
Abreu Advogados
Locus Acesso



Trienal de Arquitectura
de Lisboa



EGEAC